

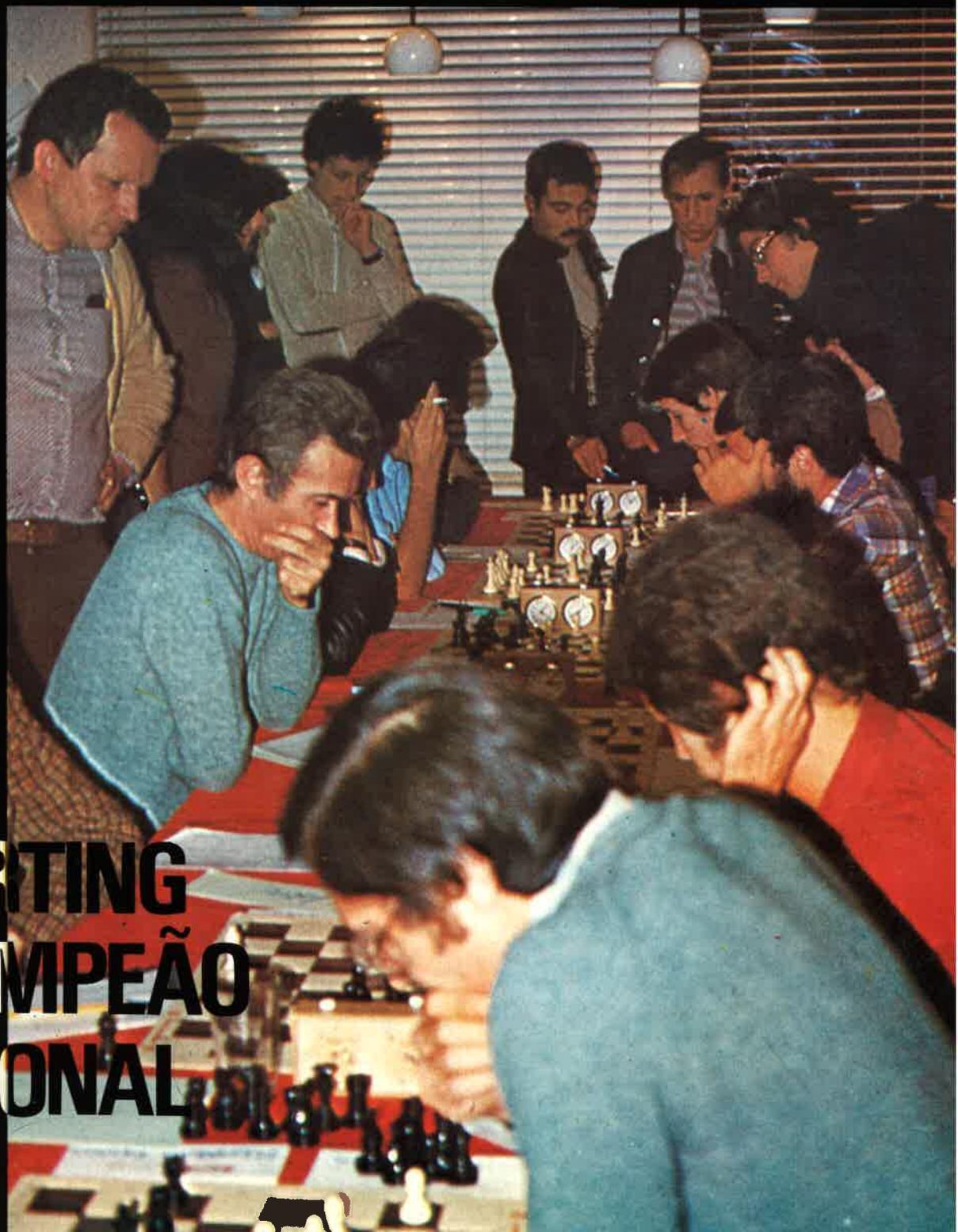
II SÉRIE

n.º 9

DEZEMBRO 1977

PREÇO 15\$00

REVISTA PORTUGUESA DE  
**xadrez**



**SPORTING  
É CAMPEÃO  
NACIONAL**



# Luís Santos finalmente Benfica novamente

**Depois de dominar completamente duas épocas na modalidade de partidas de cinco minutos, Luís Santos é campeão nacional de rápidas**

E já não era sem tempo! Há duas épocas que Luís Santos domina a especialidade de cinco minutos. A época passada ganhou todos os torneios de rápidas em que participou, mas perdeu o Campeonato Nacional nas últimas três jornadas. Este ano voltou a dominar todos os torneios em que entrou (haveria mais tarde de perder o torneio do BNU) e ao contrário do que aconteceu no ano passado, na última jornada não deixou fugir o título, ganhando a partida decisiva que o opôs a Fernando Silva, terminando com dois pontos de avanço sobre este, três e meio sobre o terceiro, João Sequeira, e com o bonito score de 18 pontos em 19 possíveis

## O futebol

Todos nós, gente ligada ao Xadrez, já tivemos em maior ou menor grau problemas com o futebol, modalidade forte e poderosa. Desde o mais alto nível, em que a federação de futebol pretende a parte de leão das receitas do totobola deixando às outras modalidades as migalhas, até ao pequeno clube de aldeia, onde por haver futebol não há espaço para uma sala de xadrez, ou se há, não raro a encontramos em dias de chuva utilizada para secar os equipamentos, todos nós já encontramos pela frente o futebol. Mas apesar de tudo isto, e do mais, todos nós temos o nosso fraquinho pela «bola».

Vem isto a propósito do Polónia-Portugal que, ironiais do destino, se disputava na mesma tarde que o Campeonato Nacional Individual de Partidas Rápidas. E inevitavelmente todos nós organizadores ou jogadores, estávamos cheios de vontade de ver os passes, (e quiçá os golos) de Oliveiras e Seninhos. Houve quem propusesse um adiamento no início do campeonato.

Não foi avante, felizmente. E dizemos isto agora, depois de pensarmos calmamente no assunto, que na altura não nos faltou a vontade de nos sentarmos em frente do televisor. É que talvez não nos tenhamos dado conta da importância que tem um Campeonato Nacional, e que talvez já nos começamos, jogadores e organizadores, a habituar a alterar, ou tentar alterar, programas e regulamentos con-

forme as nossas conveniências de momento. Um assunto a merecer reflexão...

Cremos que terá triunfado o bom-senso. Jogou-se à hora prevista e desta vez o futebol não subalternizou o xadrez (e desta vez seria muito mais grave porque a responsabilidade iria toda para o xadrez...). Houve porém os que preferiram os lances dos Chalanas e Octávios aos dos Bispos e Cavalos. Entre estes, e foram mais de uma dúzia, sobressai Sílvio Santos, que, a avaliar pela maneira como jogou no segundo tabuleiro do seu clube no dia seguinte, poderia ter tido uma palavra a dizer.

## Os inscritos

Eram cento e vinte os inscritos. Entre eles quase todos os mais cotados jogadores nacionais. Ausências mais notadas as de José Pereira dos Santos, MI Joaquim Durão, e dos mais fortes jogadores do F. C. Porto, G. X. Alekhine e Ateneu.

Mas pelas razões já apontadas, apenas 105 começaram a prova.

## As eliminatórias

Numa prova disputada em eliminatórias e finais põe-se sempre o problema do equilíbrio das séries. A não comparência de Sílvio Santos e a utilização da classificação Elo como medida do valor dos jogadores (embora sendo a única possível não reflecte convenientemente a força dos jogadores na modalidade de 5 m) ditaram alguns desequilíbrios na constituição das séries eliminatórias, mas de uma maneira ou de outra quase todos os candidatos aos primeiros lugares estavam entre os vinte finalistas A. Duas caras, no entanto, que nos habituaram ao longo dos anos à sua presença na final, dela foram arredados na eliminação: Júlio Santos, campeão nacional desta modalidade em 1973, e Almeida e Sá, que cede os seus lugares respectivamente a Luís Quaresma e Jorge Alexandre, parecendo assim haver um rejuvenescimento na composição da final. A este propósito note-se que metade dos finalistas eram juniores, ou seja tinham menos de 21 anos.

Salientem-se no entanto três 100% ainda que nas séries mais desequilibradas: António Pereira dos Santos, campeão no ano anterior, à frente de Horácio Freitas, Rui Nunes e Raul Eduardo; Joaquim Anibal à frente de Carlos Quaresma e Carlos Monteiro; e Henrique Pereira à frente de Fernando Castro e Jaime Gilbert.



	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	Pts.	
1.º Luís Santos (Sporting C. P.)	●	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	18
2.º Fernando Silva (Sporting C. P.)	0	●	½	1	1	1	0	½	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	16
3.º João Sequeira (C. F. Os Belenenses)	0	½	●	1	0	1	1	1	1	1	1	1	1	0	0	1	1	1	1	1	1	14½
4.º Fernando Castro (V. Lamorense F. C.)	0	0	0	●	½	1	1	0	1	1	½	1	0	1	1	1	½	1	1	1	1	12½
5.º Martinho Lopes (G. X. Santarém)	0	0	1	½	●	1	0	1	½	0	1	0	0	1	1	1	1	1	1	1	1	12
6.º Joaquim Aníbal (S. L. Benfica)	0	0	0	0	0	●	1	0	1	1	1	1	0	1	1	1	1	1	1	1	1	12
7.º Alberto Fernandes (S. L. Benfica)	0	1	0	0	1	0	●	1	1	½	1	0	1	1	1	0	1	1	0	1	1	11½
8.º António Pereira dos Santos (C. A. Alvalade)	0	½	0	1	0	1	0	●	1	1	0	0	1	1	0	1	1	1	1	1	1	11½
9.º Jorge Guimarães (CDUP)	½	0	0	0	½	0	0	0	●	0	1	1	½	1	1	1	1	1	1	1	1	10½
10.º António Fernandes (S. L. Benfica)	0	0	0	0	1	0	½	0	1	●	0	1	1	1	1	½	½	½	1	1	1	10
11.º Fernando Sequeira Jr. (C. F. Belenenses)	0	0	0	½	0	0	0	1	0	1	●	0	1	0	1	1	1	1	1	1	1	9½
12.º Carlos Quaresma (A. A. Coimbra)	0	0	0	0	1	0	1	1	0	0	1	●	0	1	1	1	½	0	1	0	0	8½
13.º Luís Quaresma (A. A. Coimbra)	½	0	0	1	1	0	0	0	½	0	0	1	●	0	1	½	1	0	0	1	0	7½
14.º António Ferreira (G. X. Guarda)	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	1	●	0	0	1	1	1	1	1	7
15.º Henrique Pereira (Viana F. C.)	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	●	0	0	1	1	1	1	6
16.º Jorge Alexandre (C. A. Alvalade)	0	0	1	0	0	0	0	0	0	½	0	0	½	1	1	●	½	0	1	0	0	5½
17.º José Tenreiro (CDUP)	0	0	0	½	0	0	1	0	0	½	0	½	0	0	1	½	●	0	½	1	0	5½
18.º Carlos Prezado (CDUP)	0	0	0	0	0	0	0	0	0	½	0	1	1	0	0	1	1	●	0	1	0	5½
19.º Fernando Sequeira (C. F. Os Belenenses)	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	½	1	●	1	0	3½
20.º Horácio Freitas (G. X. Coimbra)	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	●	0	3

## As finais

A história da final A é a história da corrida de Luís Santos e Fernando Silva para a última sessão onde tudo se decidiria, desembaraçando-se de quantos adversários se lhes punham pela frente. A partir de metade da prova nenhum outro concorrente esteve alguma vez em condições de lutar pelo título. Luís Santos cedeu dois empates, Jorge Guimarães e Luís Quaresma. Fernando Silva empatou com João Sequeira, e perdeu com Alberto Fernandes, antes do empate de salão com António P. Santos na penúltima sessão (mesmo que ganhasse, o Campeão Nacional teria de vencer Luís Santos para ser campeão).

Rodeados por um mar de gente (atrás dos que tinham conseguido lugar na «1.ª fila» já outros tentavam, munidos de cadeiras onde se empoleiravam, ter o privilégio de vislumbrar os 64 quadrados onde se ia decidir o título nacional, ainda que para isso os seus relógios, nas outras finais, marcassem o seu tempo perdido) os dois candidatos começaram o jogo referente à última sessão. Um gambito de dama aceite por Luís Santos, uma peça no ar, e o abandono do Mestre Internacional, foi tudo o que pudemos

ver deste jogo onde se decidiu o título de Campeão Nacional Individual de Partidas Rápidas.

Nas outras finais vitórias de Jaime Gilbert com 15½ em 18 (seguido de Júlio Santos 15½, Mário Morais 14½, Rui Marques 13½ e Almeida e Sá 13) na final B; de António Moura com 13½ em 18 (à frente de Jorge Pinheiro 13½, e João Assunção 13) na final C; de Rodolfo Cruz com 14 em 17 (à frente de Luís Cadillon 13½ e Paulo Marçal 12½) na final D; de Mário Tenreiro com 14 em 15 (seguido de Adérito Mateus) na final E; e de Francisco Ferreira com 7 em 8 na final F.

## As equipas

Já no ano passado o Benfica havia beneficiado da sua composição (António e Alberto Fernandes nos 3.º e 4.º tabuleiros) para fazer frente a equipas teoricamente mais favoritas. Mas se no ano passado a diferença para o segundo foi de ½ ponto, este ano bastava fazer ½ ponto na última sessão, contra o CDUP, para revalidarem o título. Alberto Fernandes venceu rápido Carlos Prezado e a questão ficou arrumada.

A diferença entre a escassez de há um ano e o à-vontade deste ano deve-se sobretudo a Joaquim Aníbal incomparavelmente mais forte que Rodolfo Lavrador há um ano, mas a ela não é alheia a maior fraqueza dos opositores (Sporting sem Vítor Silva, Alvalade sem José P. Santos e Michael Diamond, Alekhine ausente e CDUP com Fernando Fernandes em muito má forma). Mesmo para quem conteste que a equipa do Benfica seja a mais forte, não restarão dúvidas que é, de facto, a mais eficiente.

Sporting e CDUP foram as únicas equipas que puderam discutir o título. CAA desfalcado e irreconhecível (três 0-4 contra Sporting, G. X. Coimbra e Benfica), G. X. Coimbra e Belenenses dentro das suas possibilidades, não conseguiram dar

ao torneio a força e o interesse que teve no ano passado.

Na competição por equipas mais do que na individual se notou a ineficácia do sistema de «distribuição equilibrada» com base na classificação elo, adoptado pela organização. Enquanto houve uma série com CDUP A, Benfica A, Académica e F. C. Porto, outra houve com G. X. Coimbra, Viana Taurino, Sporting B e CDUP D.

Nas outras finais a Associação Académica local, talvez a maior prejudicada pela «distribuição equilibrada» ganhou a B com 19½ pontos em 28 possíveis (à frente do Viana T. C. com 17, Cavalão d'Ouro 14 F. C. Porto 13½ e G. X. Guarda 13), a sua equipa B ganhou a final C com 17½ em 28 (seguida pelo Vilanovense 17½, CADCA 16½ e ISEL 15½), enquanto o CDUP C ganhava a final D com 28 em 32 seguido pela ANAG com 24 e o JAC com 19, num total de 33 equipas representativas de clubes.

## A organização

Uma última palavra para a organização destes nacionais de rápidas que não pôde merecer o nosso aplauso, já porque o número de elementos que a compunha era escasso, o que levou a atrasos nomeadamente no cálculo de desempates, já porque alguns deles, embora voluntariosos, eram muito inexperientes, o que dificultou o decorrer de algumas séries eliminatórias. O trabalho da A. X. Coimbra, e pese embora todo o esforço que dispenderam, pareceu-nos manifestamente insuficiente (quando na tarde da prova chegaram os elementos da federação ainda houve que transportar todas as mesas e cadeiras para o local do torneio), assim como não nos pareceu a atitude mais correcta face do reduzido número de organizadores, a dos dirigentes da AXC terem jogado o campeonato. Pensamos que em Coimbra, mais que noutros sítios, se gastam inutilmente as energias que nestas ocasiões faltam.

PEDRO PEIXOTO

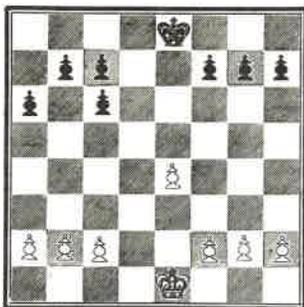


# SECÇÃO DE CONSULTA

P. — Depois de 1. e4 e5 2. Cf3 Cc6 3. Bb5 a6 4. Bxc6 dxc6 5. Cxe5 Dd4, qual a melhor continuação 6. Cg4 ou 6. Cf3?

José A. Leal — LISBOA

R. — A questão posta não «dá no ponto». Na verdade, 5. Cxe5 já é inferior. Vejamos porquê. A ideia de 4. Bxc6 é obter uma maioria de peões *sã* no flanco de rei, enquanto que a maioria das negras no flanco de dama está *desvalorizada*, devida à presença de peões dobrados na coluna c. Lasker costumava jogar aqui 5. d4 exd4 6. Dxd4 Dxd4 7. Cxd4, posição que estimava ligeiramente superior para as brancas, que, na ausência de peças, fariam rapidamente um peão passado no flanco de rei e triunfariam.



As brancas jogam e ganham, o leitor deve praticar esta posição

Jogando 5. Cxe5 as brancas forçam a troca dos peões e4 e e5 com o que perdem a única compensação que tinham, pelo par de bispos do adversário. Embora a teoria dê a posição como igualada, prefiro naturalmente, jogá-la com negras, quer as brancas joguem 6. Cf3 Dxe4+ 7. De2 Dxe2+ 8. Rxe2 Bf5 9.

d3 0-0-0, quer 6. Cg4 Dxe4+ 7. Ce3 Bd7 (7... Be6!) 8. Cc3 Dg6 (8... Dd4!) 9. 0-0 0-0-0.

P. — Peça que me comente as duas partidas que joguei com negras, a última das quais deu origem ao diagrama incluído na S. C. do n.º 7.

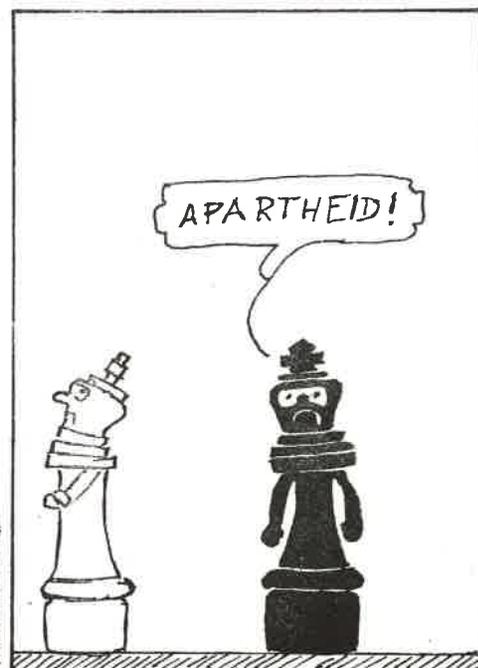
Manuel R. P. Gonçalves — LISBOA

R. — 1. e4 e5 2. Cf3 De7 3. Bc4 d6 4. 0-0 Bg4?! (com o lance 2... De7 as negras defenderam suficientemente o Pe5 pelo que este lance carece de sentido. As negras devem jogar um plano baseado em h6-Cf6-c6-Cbd7-g5-Bg7-Cf8-Cg6-Cf4, para atacar o rei das brancas e sem temer demasiado d4. Deve comparar-se esta defesa com a Italiana 1. e4 e5 2. Cf3 Cc6 3. Bc4 Bc5 4. c3 De7 5. d4 d6 e com a Filidor 1. e4 e5 2. Cf3 d6 3. d4 Cd7 4. Bc4 c6 5. Cc3 Be7 6. 0-0 h6 7. Be3 Cgf6 8. Bb3 Dc7 9. Cd2 g5 10. a4 Cf8 11. a5 Cg6 12. Te1 Cf4 Yates-Marco, Haia 1921) 5. Cc3 c6 6. d3 (6. h3!) Cf6 7. a4 a5 8. h3 Bxf3 (8... Be6? 9. Cg5 com vantagem; 8... Bh5 9. g4 Bg6 10. Ch4 Cxe4? 11. Cxg6 Cxc3 12. Cxe7 Cxd1 13. Cf5) 9. Dxf3 Cbd7 10. Be3 Cc5 11. Bxc5? (11. d4 exd4 12. Bxd4 com vantagem; se 12... Cxe4? 13. Bxf6 Cxf6 14. Tae1; se 12... Cfxe4 13. Tae1 d5 14. Cxd5 cxd5 15. Bxd5) dxc5 12. De3 Dd7 13. f4 (1. Ce2!? para 14. f4) Dd4 14. Tae1 Dxe3+ 15. Tx3 Bd6 16. fxe5 Bxe5 17. Tef3 0-0 18. Tf5 Tae8 19. g4 Bd4+ 20. Rg2 Te5! 21. Tx5 Bxe5 22. g5 Cd7 1/2:1/2 (as brancas têm vantagem, jogando Cd1, com a ideia de b3-Ce3-Cg4-h4-h5-g6).

1. e4 c5 2. Cf3 d6 3. d4 cxd4 4. Cxd4 Cf6 5. Cc3 a6 6. Bg5 e6 7. f4 Db6 8. Dd2 Dxb2 9. Cb3 Cbd7 (9... Da3 é mais

preciso: as negras podem depois escolher onde jogar o Cb8, face ao que jogarem as brancas) 10. Bxf6! gxf6 (10... Cxf6?? 11. a3 seguido de 12. Ta2) 11. Be2 (11. a3 Cc5) Da3 12. Bh5? (12. 0-0 é preferido pela Enciclopédia, dando 12... h5 13. Rh1 Be7 14. Tad1 Cc5 15. Bf3 Cxb3 com ligeira vantagem branca) b5? (12... Cc5! 13. f5 Cxb3 14. cxb3 Bg7 é a partida Velimirovic-Bogdanovic, Jugoslávia 1973) 13. f5 Cc5 14. Dd4! (14. Cd4!?) Ta7 15. 0-0 (15. fxe6 Bxe6 16. Dxf6 Tg8 17. Cxc5 Dxc5 18. Dxe6+ Te7 19. Dh3 dever ser investigado) Tg8 16. Tad1? (16. fxe6! Bxe6 17. Cd5! — Pedro Peixoto — com vantagem) e5 17. Dd5 Cxb3 18. cxb3 Dc5+ 19. Dxc5 (19. Rh1! para jogar 20. Td3 e 21. Tfd1; 19. Rh1 Dxc3? 20. Tc1 com vantagem decisiva; 19. Rh1 Dxd5? 20. Cxd5, seguido de Tc1-Tc2-Tfc1, com vantagem decisiva) dxc5 20. Td2 (20. Td3 Td7 21. Tfd1 e as brancas devem estar melhor. Por exemplo: 21... Txd3 22. Txd3 Bb7? 23. Bxf7+; mas 20... c4! 21. bxc4 Bc5+ 22. Rh1 bxc4 e o par de bispos deve-se impor) Bh6 (20... c4? 21. Tfd1 Bc5+ 22. Rf1 Bd4 23. Ce2 c3 24. Cxc3, 22... Bb6 23. bxc4 bxc4 24. Td6 Ba5 25. Cf6) 21. Td6 Be3+ 22. Rh1 Td7? (22... Re7 3. Tfd1? Bd4) 23. Txd7 (23. Txf6!) Bxd7 24. Cd5 Tg5 25. g4 (25. Cxf6+! Rd8 26. Bxf7; 25... Re7 26. Cd5+ Rf8 27. Bxf7 Rxf7 28. Cxe3) Bd4 ... Cxf6+ Re7 27. h4 (27. Cd5, seguido de h4) Rxf6! (27... Tg7 e as brancas estão melhor) 28. hxg5+ Rg7 (28... Rxg5 29. Bxf7 Rxg4 30. Be6 ganha) 29. Rg2 Bc6 30. Rf3 Be8 31. Th1 Rg8 32. a3? (32. Re2 e Rd3) b4 33. a4 Rg7 34. Re2? (34. Tc1) c4! (com vantagem) 1/2:1/2.

VICTOR SILVA



# Comemorou-se o Dia Universal do Xadrez

Em 19 de Novembro de 1888 nasceu em Cuba aquele que viria a tornar-se um dos maiores jogadores de sempre — Capablanca. Hoje, a data do seu nascimento é comemorada em todo o mundo xadrezístico.

José Raul Capablanca foi precoce na arte do xadrez. Com quatro anos, jogava e analisava partidas no clube da sua terra, confessando o respectivo presidente que, nessa época, só podia dar de vantagem ao pequeno jogador um cavalo.

Aos doze anos, Capablanca batia os mais fortes xadrezistas de Havana, e sagrava-se campeão do seu país. Começando então a participar em provas internacionais, muitas das quais ganhou brilhantemente, a sua força aumentava dia a dia, e em 1911 a vitória em San Sebastian deu-lhe o título de grande mestre.

Na América e na Europa, Capablanca bateu os mais fortes jogadores da época, desde logo começando a ser considerado como o mais directo rival de Lasker, que detinha o ceptro de campeão do mundo há mais de vinte anos.

As vitórias do cubano em S. Petersburgo e em Hastings impuseram-no definitivamente como candidato ao título. Combinado o *match*, veio o mesmo a jogar-se em Havana em 1921, tendo Capablanca triunfado espectacularmente por 4:0-

Jogador de uma simplicidade e profundidade extremas nas suas ideias estratégicas, exemplar nas concepções tácticas de impressionante segurança, insuperável no sangue frio com que aplicava a sua ciência,

o declínio de Capablanca iniciou-se em 1927, ano em que foi inesperadamente batido por uma nova estrela que começava a despertar — Alexandre Alekhine.

Tendo perdido o título, Capablanca continuou contudo colhendo louros, conseguindo vários primeiros lugares nos torneios internacionais que disputou entre 1927 e 1939.

Capablanca faleceu em 7 de Março de 1942, vítima de hemorragia cerebral, mas o seu génio e a sua técnica permanecem imortais.

As dimensões extraordinárias que o avanço e o desenvolvimento do xadrez adquiriram em Cuba após a revolução levaram a Federação Internacional a fazer realizar em Havana, em 1966, a XVI Olimpíada e o XXXVII Congresso, em que resolveu consagrar-se o dia 19 de Novembro, data do nascimento de Capablanca, como Dia Universal do Xadrez.

Em Portugal, depois do 25 de Abril, o associativismo renasceu em todo o lado. O xadrez, sendo uma actividade de grupo, foi também uma motivação para que as pessoas se reunissem, para que perspetivassem tarefas em comum, para que criassem o tipo de relações que permite a organização colectiva do trabalho.

No momento em que os núcleos se constituíam no verdadeiro motor do processo de desenvolvimento do xadrez e em que o entusiasmo pela modalidade crescia a olhos vistos, ouviu-se falar pela primeira vez no Dia Universal, através de um artigo de Dagoberto Markl publicado no «República» em Novembro de 1975.

E se, nesse ano, não houve tempo para comemorar condignamente a data, já em 1976 foi possível organizar uma série de palestras no Ateneu Comercial de Lisboa, em que intervieram, para além do próprio Dagoberto Markl, mestre Rui Nascimento e Álvaro Pereira.

Este ano, em que pela segunda vez se comemorou em Portugal o Dia Universal do Xadrez, a Federação apelou às Associações Distritais, aos clubes, aos grupos de xadrez de escolas e empresas, aos órgãos populares envolvidos no processo desportivo para que pomovessem jornadas de dinamização da modalidade.

Não quis também a F. P. X. deixar de realizar qualquer iniciativa nesta data.

Assim, foi publicada uma colecção de cinco postais com temática de xadrez, e no dia 19 foi aposto nos mesmos um carimbo especial dos C.T.T. relativo ao cinquentenário da Federação. Este aconteci-

mento, muito particularmente destinado aos entusiastas da marcofilia, e que, portanto, representa uma forma de ligar o xadrez a outras actividades, decorreu no Centro Social e Cultural dos Trabalhadores do Comércio.

Ao mesmo tempo, realizava-se nas salas daquele Centro e em mais treze locais de outros tantos distritos a segunda fase do Torneio F. P. X., em que tomaram parte cerca de quatrocentos jogadores.

JOSÉ OLIVEIRA

## GUIA PRÁTICO DE XADREZ

F. VAN SETERS



A iniciação e o desenvolvimento da prática do xadrez. Van Seters, um campeão, ensina-nos, com um método simples mas eficaz, algumas regras «infalíveis» para levar o adversário a um beco sem saída.

colecção  
GUIAS PRÁTICOS



# Durão na URSS

**O M. I. Joaquim Durão relata a sua deslocação à URSS para participar no Torneio Memorial de Tchigorin, que se realizou em Sotchi**

Ao abrigo do protocolo desportivo assinado entre Portugal e a União Soviética, pela primeira vez um xadrezista do nosso país teve oportunidade de tomar parte no Torneio Memorial Tchigorin que, ultimamente, tem sido disputado em Sotchi, famosa estância balnear à beira do Mar Negro e das montanhas caucasianas. Em 1976 o M. I. Fernando Silva esteve em Odessa, mas noutra competição.

Ao conhecer o elenco da prova, à chegada a Sotchi, em seguida avalei que escassas possibilidades tinha em escapar a um dos últimos postos, senão mesmo ao último, pois era o participante com menor pontuação «Elo». Infelizmente a situação não era inédita e tratei de fazer a «guerra» que estivesse ao meu alcance. Consegui não ser último, deixando atrás

somente o jugoslavo Klaric — 2405 pontos «Elo», contra os meus módicos 2305. E esta foi a única «batalha» que ganhei, embora tivesse perdido a partida que nos opôs.

O conjunto da minha actuação proporcionou-me apenas 3½ pontos — contra 3 de Klaric — obtidos através de empates com Suetin, Kjarner, Panchenko e Juravlev (todos da URSS) e Adorjan (Hungria) e uma vitória sobre Shuba (Roménia). Senti, no entanto, a falta de competições desta força, pois desde Janeiro (Orense) que não tomava parte em torneios internacionais magistrais, pouco valendo para provas desta envergadura o treino dos nossos torneios internos. Refira-se que me desloquei à União Soviética poucos dias depois de concluir o Campeonato Nacional,

onde não sofrera nenhuma derrota. O «moral» que levava, no entanto, de pouco valeu.

O torneio de Sotchi - 1977 foi dominado, do princípio ao fim, pelo ex-campeão mundial Mikhail Tahl que, da 6.ª à 8.ª jornadas, esteve acompanhado de Panchenko e, na 10.ª, foi alcançado pelo nosso conhecido e amigo Suetin — que o bateu sensacionalmente — e o acompanhou até à antepenúltima jornada. Aí, Tahl disse adeus aos perseguidores e acabou isolado com um ponto de vantagem sobre Suetin e Geller. Outro ex-campeão mundial, Tigran Petrosian, não quis desmerecer a fama que tem e jogou solidamente, tendo sido o único competidor sem derrotas; mas empatou demasiado, não impressionando. Pelo quadro poderão avaliar a luta travada pelos primeiros e, também, a nula interferência dos estrangeiros no despique entre soviéticos.

Uma curiosidade: fui o único jogador do Ocidente que tomou parte na prova.

Para exemplificar a passividade de Petrosian e que não me perturba nada jogar com um campeão mundial, ou «ex», temos o exemplo da partida que nos opôs.

## DURÃO-PETROSIAN

*Siciliana*

1. e4 c5 2. Cf3 d6 3. d4 cxd4 4. cxd4 Cf6 5. Cc3 a6 6. f4 Dc7 7. Bd3 g6 8. 0-0 Bg7 9. Cf3 Bg4.



J. DURÃO — T. PETROSIAN

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	Pts.
1.º M. Tal	●	½	0	½	½	1	½	½	1	1	1	½	1	1	1	1	11
2.º E. Geller	½	●	½	½	½	½	½	½	1	1	1	0	½	1	1	1	10
3.º A. Suetin	1	½	●	½	½	½	0	½	½	1	1	½	1	½	1	1	10
4.º N. Krogius	½	½	½	●	½	0	½	½	½	½	1	1	1	1	1	½	9½
5.º A. Adorjan	½	½	½	½	●	0	1	½	½	½	1	1	½	½	1	½	9
6.º V. Juravlev	0	½	½	1	1	●	½	½	0	½	½	1	½	½	1	1	9
7.º A. Pachenko	½	½	1	½	0	½	●	½	½	1	½	1	1	½	1	1	9
8.º Petrosian	½	½	½	½	½	½	½	●	½	½	½	1	1	½	1	1	9
9.º N. Raskovski	0	0	½	½	½	1	½	½	●	½	1	½	½	1	1	1	9
10.º I. Zaitzev	0	0	0	½	½	½	0	½	½	●	½	1	0	1	1	1	7
11.º Spassov	0	0	0	0	0	½	½	½	0	½	●	1	½	1	½	1	6
12.º L. Flatchnik	½	1	½	0	0	0	½	½	0	0	●	1	1	0	1	1	6
13.º M. Shuba	0	½	0	0	½	½	1	0	½	1	½	0	●	0	½	½	5½
14.º J. Durão	0	0	½	0	½	½	½	0	0	0	0	1	●	½	0	3½	
15.º H. Kierner	0	0	0	0	0	0	0	½	0	0	½	1	½	½	●	½	3½
16.º Z. Karic	0	0	0	½	½	0	0	0	0	0	0	0	½	1	½	●	3

Primeira surpresa, pois denuncia a intenção de ceder o «par de bispos». Outros lances temáticos eram possíveis, como 9... b5, 9... Cbd7, ou, simplesmente, 9... 0-0.

10. De1 Bxf3 11. Txf3 Cbd7 12. Rh1 e6.

Segunda surpresa, pois deixa o Pd6 com débil sustentação, em coluna que as brancas podem dominar. Este levou-me a mudar erradamente de plano, como verão, mas mais tarde verificou-se, nas análises «post mortem» que teria sido mais forte atacar no flanco de rei com Dh4 e avanço de peões. Tahl considerou 12... e6 «muito arriscado».

13. Bd2 Cb6 14. Td1 Cfd7 15. Bf1

Preferível 15. Dh4 ou 15. g4 constata-se mais tarde.

15... Td8 16. Dh4 h6

Mais surpresas. À passividade das pretas faz-me perder a paciência — que era justamente o que elas queriam.

17. e5 dxe5 18. Ce4 0-0

— Quem tem medo do lobo mau? Eu cá também não tenho.

19. Tc3 Db8 20. f5 exf5 21. Bxh6 fxe4 22. Th3 Cf6 23. Bxg7 Ch5 24. Txd8 Txd8

E chegámos, por via incrível, a tão simplificada posição em que parece que as brancas estão irremediavelmente perdidas. Assim pensei eu, durante a partida, embora com certas reservas. O relógio, no entanto, também já fazia a sua pressão, tanto a mim como ao adversário, dispondo ambos de poucos minutos para o controlo e ainda faltavam 16 lances.

25. Bf6?

Isto perde mas, à noite, ao passear no parque fronteiro ao hotel, embrenhei-me mentalmente na posição e encontrei a forma como escapava, pelo menos temporariamente à derrota. Era com 25. g4! Td1 26. gxh5 Txf1+ 27. Rg2 Tf4 28. Bxe5! Dxe5 29. Dd8+ Rg7 30. hxg6 — se 28... Txb4 (o melhor) 29. Bxb6 e a refrega ainda ficaria indecisa. No dia seguinte mostrei a variante e todos ficaram estupefactos pela escapatória, não conseguindo encontrar uma refutação cabal.

25... Td1 26. Df2 Cd5 27. Bg5 Chf4 28. Bxf4 exf4 29. Rg1 Ce3 30. Txe3 fxe3 31. Dxe3 De5 32. Rf2 Df5+ 0:1

#### TAHL — SUETIN

*Petrof*

1. e4 e5 2. Cf3 Cf6 3. Cxe5 d6 4. Cf3 Cxe4 5. d4 d5 6. Bd3 Be7 7. 0-0 Cc6 8. c4 Cf6 9. Cc3 0-0 10. Te1 dxc4 11. Bxc4 Bg4 12. Be3 Ca5 13. Bd3 Te8 14. h3 Bh5 15. a3 a6 16. d5 c5! 17. Bg5 b5 18. Te5 Bg6 19. Bxg6 hxg6 20. d6? Dxd6 21. De2 Cc4! 22. Ce4 Dd8 23. Td1 Cxe5 24. Txd8 Cxf3+ 25. Dxf3 Taxd8 26. Bxf6 Bxf6 27. Cxf6+ gxf6 28. Dxf6 Td2 29. Dxa6 Txb2 30. Dc6 Te1+ 31. Rh2 Tee2 32. g4 c4 33. Rg3 Tb3+ 34. Rh4 Txf2 35. Rg5 Txb3 36. a4 c3 37. axb5 c2 0:1

#### SUETIN - DURÃO

*Espanhola*

1. e4 e5 2. Cf3 Cc6 3. Bb5 a6 4. Ba4 Cf6 5. 0-0 Be7 6. Te1 b5 7. Bb3 d6 8. c3 0-0 9. h3 Cb8

Este lance, de aparência bizarra, constitui uma variante de Breyer da Abertura Ruy Lopez e, hoje, quase comparte de favoritismo com a clássica continuação de Tchigorin 9... Ca5 10. Bc2 c5 11. d4 Dc7 12. Cbd2 Cc6. O lance do texto só aparentemente perde um tempo, pois, na realidade, o que busca é a perfeita situação na estrutura de peões estabelecida, e Breyer pensou que a casa ideal seria d7, donde também vigia o centro. Repare-se que, na linha de Tchigorin acima apontada, o cavalo também fez uma «viagem» a a5 para regressar depois a c6. Assinala-se ainda, por curiosidade, que em outras variantes, o cavalo evoluciona de forma diferente: c6-a5-c4-b6 — tudo depende da estrutura dos peões, determinante das características posicionais da situação, e na qual tem influência a vontade de ambos os jogadores, ou de uma preferência do condutor das negras.

10. d4 Cbd7 11. Cbd2 Bb7 12. Bc2 Te8 13. Cf1 Bf8 14. Cg3 g6 15. a4 c5 16. d5 c4

Um desvio importante seria agora 16... Cb6, sobre o qual o leitor pode recolher elementos na partida Karpov - Smejkal, Moscovo 1977 (RPX n.º 3, pág. 41).

17. Be3

Neste exacto momento parece-me iné-

dito, embora tenha sido jogado em posições idênticas. O já ensaiado foi 17. Bg5 para convidar ao debilitamento 17... h6 seguido de 18. Be3. Ver partida Spasski-Portisch. Genebra 1977 (RPX n.º 5, pág. 67), mas observo que as brancas poderiam ter melhorado a partir do 20.º lance, com 20. Ch2, em vez de 20. Ta3.

17... Cc5 18. Cd2 Cfd7 19. Tf1 Cb6 20. axb5

O Cb6 obrigou a4 a definir-se. A alternativa de considerar era: 20. a5 Cbd7, pois se 20... Cba4 21. Ta2 e os cavalos estão manietados, além de que as brancas ficam com ameaças latentes de sacrifício em c4. No entanto a continuação 20. a5 pode deixar este peão comprometido no futuro, se a torre protectora tiver de ser chamada a outras tarefas.

20... axb5 21. Txa8 Dxa8 22. f4 exf4 23. Bxf4 Cbd7 24. Cf3 Ce5

Já, embora se pudesse considerar a preparação f6, para evitar a passagem do Pd5.

25. Cxe5 dxe5 26. Bg5 Dc8 27. Df3 Dd7 28. Bf6 Bc8 29. Rh1

Uma continuação poderosa era 29. Ch5! com ameaças conjugadas: 30. Bxe5 para deixar f6 ao cavalo e se 29... gxh5 30. Dg3+ .O melhor seria responder 29... h6, mas as brancas mantinham forte ataque. Outro ponto débil das pretas era f7.

29... h6

Para eventualmente jogar Bf8-g7 e obrigar à troca.

30. Ce2 Cb7 31. Cg1 Cd6 32. g4

Uma vez que o jogo de peças não lhes rendeu benefício, as brancas buscam a ruptura com ataque à baioneta.

32... Bg7 33. Bxg7 Rxg7 34. Df6+ Rh7 35. Rg2 De7 36. Rg3 Dxf6 37. Txf6 Td8

Com a política de trocas as pretas aliviaram os seus temores. Agora têm que evitar que a torre disponha do ponto avançado em que se encontra — pois obrigaria à imobilização do Cd6 e da defensora Td8, que lhes corta o passo ao outro flanco, onde o Pb5 tinha poucas hipóteses de sobreviver.

38. h4 g5!

Importantíssimo.

39. hxg5 hxg5 40. Tf1

Em busca da coluna a. Se 40. Ch3 Rg7 41. Tf1 f6 e o resto seria semelhante à partida.

40... Rg7

É preciso proteger o Pf7.

41. Ta1 Bb7 42. Cf3 f6 43. Cd2 Ta8 44. Txa8 Bxa8 45. b3 Bb7 46. bxc4 bxc4 47. Ba4 Bc8 1/2:1/2

Nesta posição a partida foi suspensa e acordado o empate sem prosseguimento. A análise demonstrou que as brancas não podem acometer suficientemente o Pc4 e que não podem descurar a defesa do Pg4. Igualmente as pretas têm de vigiar o Pf6 com o rei, quando atacado pelo cavalo em h5.

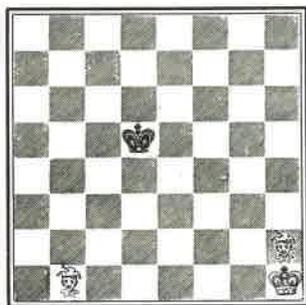
# Finais elementares (II)

## Mate com dois bispos

Há vários tipos de mates: 1) B: Rf7, Bg6, Bb2; P: Rh8; 2) B: Rf7, Bg7, Bb1 P: Rh7; 3) B: Rf4, Bg4, Be1 (d8). Este último não pode ser forçado.

São necessários, no máximo, 18 lances para se obter a vitória. É nos mates de peças menores (dois bispos ou bispo e cavalo) que se pode apreciar, na sua totalidade, a colaboração entre as peças. Obtida esta mesma colaboração o mate torna-se um modelo de estética e simplicidade. Já não basta encostar o rei à borda. É necessário, agora, obrigá-lo a refugiar-se no canto, onde é possível forçar o mate.

Escolhemos, mais uma vez, para exemplo, a posição mais desfavorável para o bando atacante: rei defensor no centro e peças contrárias descoordenadas.



A primeira fase a ser cumprida será coordenada as peças, empurrando, ao mesmo tempo, o rei negro para a borda:

1. Rg2 Rd4 2. Rf3 Rd5 3. Ba2+ Rd4 (ou 3... Rc5 4. Re4 Rc6 5. Bd5+ Rd7 6. Rf5 Re7 7. Be6 Re8 8. Bd6 Rd8 9. Rf6 Re8 10. Bc7 Rf8 11. Bd7 Rg8 12. Rg6 Rf8 13. Bd6+ Rg8 14. Be6+ Rh8 15. Be5++) 4. Bd6! (cortando o caminho ao rei negro) Rd3 5. Be5! Rd2 6. Bc4 Rd1 7. Re3 (a segunda fase — encurralar o rei negro no canto) Rc2 (ou 7... Re1 8. Bb3) 8. Re2 Rc1 9. Bb3 Rb1 10. Rd3 (e não 10. Rd2??) Rc1 11. Rc3 Rb1 12. Bf4 Ra1 (agora, o mate) 13. Be6 Rb1 14. Rb3 Ra1 15. Bg4 (perdendo deliberadamente um tempo. 15. Bf5?? empatava) Rb1 16. Bf5+ Ra1 17. Be5++.

O par de bispos consegue o mate. Mas dois bispos da mesma cor não o conseguem! Nem mesmo 9! Pois esses bispos só controlariam metade do tabuleiro...

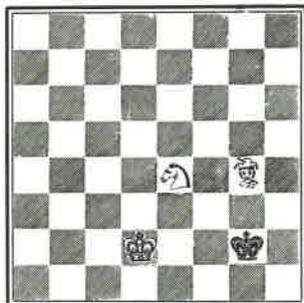
## Mate com bispo e cavalo

Tipos de mate: 1) B: Rg6, Ch6, Bf6 (ou qualquer outra casa ao longo da dia-

gonal); P: Rh8; 2) B: Rg6, Bg7, Ch6 (ou e7, f6). Há ainda mais duas posições de mate, que, no entanto, se não podem forçar: 3) B: Rh6, Cg6, Bd5; P: Rg8; 4) Re6, Be7, Cf6 (ou g7, d6, c7) P: Re8.

Numa posição desfavorável o mate requer, aproximadamente 35 jogadas. Este mate é bastante mais complicado que os já estudados. O plano do bando atacante divide-se em 3 partes: obrigar o rei defensor a refugiar-se na periferia, conduzi-lo por um canto da cor do bispo, e, só então, aplicar o golpe fatal. Vamos adoptar um método de ensino diferente dos anteriores, que será talvez, neste caso, mais fácil de assimilar.

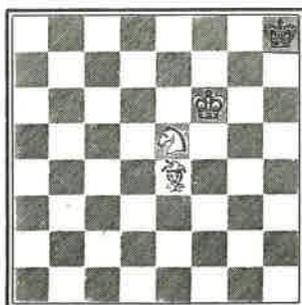
O mate só é possível no canto da cor do bispo. Tomemos uma posição típica e ensaiemo-lo.



É necessária uma estreita colaboração entre as peças brancas para evitar a fuga do rei negro: o rei controla e1, o bispo h3 e f3 e o cavalo g3 e f2, formando um típico triângulo em h5-h1-d1. Nove jogadas são suficientes:

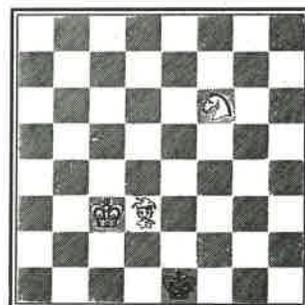
- 1... Rh2 (1... Rf1 2. Bh3+) 2. Re2 Rg2 3. Re1 Rg1 4. Bh3! (apertando a redel) Rh2 5. Bf1 Rg1 6. Cf6! (ou 6. Cg5!) Rh2 (ou 6... Rh1 7. Rf2 Rh2 8. Cg4+ Rh1 9. Bg2++) 7. Rf2 Rh1 8. Bg2+ Rh2 9. Cg4++.

É natural que o rei negro procure fugir para um canto mais seguro (da cor diferente do bispo) sendo assim importante saber como o obrigar a encaminhar-se para um desfavorável.



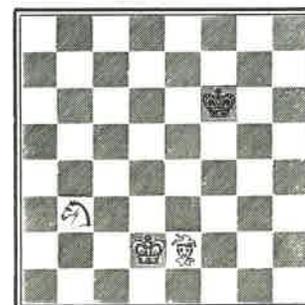
1. Cf7+ Rg8 2. Bc2! (obrigando a deslocação a f8) Rf8 3. Bh7 Re8 4. Ce5 Rd8 (procurando a fuga para a1. Não adiantava 4... Rf8 5. Cd7+ Re8 6. Re6 Rd8 7. Bd3 — transferindo-se para a diagonal a4-e8 — Rc7 — ou 7... Re8 8. Bb5 Rd8 9. Cb6 Rc7 10. Cd5+ — e já se fechou o triângulo em a4-a8-e8 — Rd8 11. Rf7 Rc8 12. Re7 etc. Não prosseguimos, dando a oportunidade ao leitor de praticar) 5. Re6 Rc7 (5... Re8 6. Cd7) 6. Cd7! (o cavalo tapa os buracos da rede que está a ser estendida — b6 e c5) Rb7 (6... Rc6 7. Bd3) 7. Bd3 Rc6 8. Ba6 Rc7 9. Bb5 Rd8 (ou 9... Rb7 10. Rd6 e 11. Cb6) 10. Cb6 Rc7 11. Cd5+ etc.

Ainda outra posição típica, com o rei na periferia:



1. Ce4 Rd1 2. Cc5 Re1 3. Rd4! (não temendo dar um pouco de ar ao rei adversário) Rf2 (se 3... Rd2 4. Cb3+) 4. Re4 Rg3 5. Be2! (estabelece o fatídico triângulo) Rh4 6. Rf4 Rh3 7. Rg5 Rg3 8. Ce4+ e, com o cavalo cobrindo g3 e f2, tudo volta ao normal.

Estamos, agora, aptos!



1. Re3 Re5 2. Bd3 Rd5 3. Rf4 Re6 4. Bc4+ Rf6 (4... Rd6 5. Rf5 poderia ocasionar o perigo de prisão no canto a8) 5. Cc5 Rg6 (ou 5... Re7 6. Re5) 6. Cd7 Rh6 7. Rf5 Rh5 8. Ce5 Rh6 9. Cg4+ Rg7 (9... Rh5 10. Be2!) 10. Rg5 Rh7 11. Rf6 Rh8 (e entramos nos caminhos já estudados) 12. Bd3 Rg8 13. Ce5 Rh8 14. Cf7+ Rg8 15. Be4 Rf8 16. Bh7 Re8 17. Ce5 Rd8 18. Re6 Rc7 19. Cd7 Rc6 20. Bd3 Rc7 21. Bb5 Rd8 22. Cb6 Rc7 23. Cd5+ Rd8 24. Rf7 Rc8 25. Re7 Rb7 26. Rd7 Rb8 27. Ba6 Ra7 28. Bc8 Rb8 29. Cb4 Ra7 30. Rc7 Ra8 31. Bb7+ Rb8 32. Cc6++.

Normalmente, o rei e o bispo empurram o rei adversário. O cavalo entra em jogo para dominar casas importantes.

# Silvio Santos o ver

Nunca nenhuma prova de xadrez disputada em Portugal teve número tão volumoso de inscrições. A cifra atingida, pouco frequente em qualquer modalidade desportiva, abre novas perspectivas para a prática do xadrez de competição.

## A fase local

No período que mediou entre 20 de Outubro e 5 de Novembro, cerca de 2400 xadrezistas de dezoito distritos do Continente e Madeira — inclusive dos lugares mais recônditos — tomaram parte em provas enquadradas nas comemorações do cinquentenário da Federação Portuguesa de Xadrez.

A fase local foi aberta a jogadores federados e não federados, e disputou-se em clubes, escolas, grupos desportivos de trabalhadores e outros núcleos, alguns dos quais criaram para o efeito as suas secções de xadrez.

Infelizmente, aos 2400 jogadores não puderam ser acrescentados muitos outros ligados ao sector escolar, que se tem revelado fonte inesgotável de formação e novos praticantes. Com efeito, verificou-se um atraso sensível na abertura das aulas, e a Federação não pôde dilatar o prazo fixado para as inscrições, porque isso resultaria em prejuízo da própria organização.

É de notar que muitos dos xadrezistas mais cotados não participaram. Se a ausência pode ser justificada pelo desejo de,

num torneio com estas características, proporcionar maiores oportunidades aos jogadores menos fortes e aos principiantes, o facto é que, nalguns casos, reitou o aliciante a determinadas provas. De estranhar é por exemplo, que o Sporting, actual campeão nacional por equipas, não se tivesse inscrito.

As provas locais eram de figurino livre, podendo inclusivamente as partidas jogar-se sem relógio. A Federação e as Associações procuraram, quando solicitadas e na medida das suas possibilidades, superar alguma das carências mais evidentes dos núcleos organizadores, nomeadamente ao nível do empréstimo de jogos e do fornecimento de apoio documental.

No número anterior da Revista ficaram registados os nomes dos núcleos participantes e o número de jogadores inscritos através de cada um deles. A falta de espaço impede-nos, evidentemente, de publicar as classificações dos torneios locais.

Diremos, contudo, que, de acordo com os relatórios elaborados pelos núcleos, é possível concluir que, de um modo geral, as provas decorreram sem problemas de maior e com bastante entusiasmo, constituindo um processo de ganhar para a competição muitos praticantes que nunca tinham sequer visto um torneio de xadrez.

## A fase distrital

Por cada seis jogadores que disputaram as provas locais um ganhou o direito

de estar presente na fase distrital. Esta realizou-se de 18 a 20 de Novembro, participando cerca de 400 xadrezistas.

No distrito de Aveiro a prova foi organizada pela Associação de Xadrez de Aveiro, e teve a seguinte classificação: 1.º, Manuel Amorim; 2.º, Augusto Sousa; 3.º, António Ferreira; 4.º, Flávio Pinho; 5.º, António Curado (28 participantes).

Também em Braga a competição foi levada a efeito pela respectiva Associação Distrital, tendo ficado apurados para a fase seguinte: 1.º, Pedro Painares; 2.º, Alvaro Guimarães (15).

Distrito de Coimbra: 1.º, Fernando Aidos; 2.º, Raul Mota; 3.º, João Maduro; 4.º, José Galvão (23). A organização coube à Delegação da D. G. D.

Em Faro, a recém constituída Associação Distrital de Xadrez realizou a prova respectiva, tendo os primeiros jogadores ficado assim ordenados: 1.º, Lamy Rocha; 2.º, Francisco Gonçalves; 3.º, José António Gonçalves (14).

Organizado pela Associação de Xadrez da Guarda, o torneio deste distrito forneceu os seguintes resultados: 1.º, Marino Ferreira; 2.º, António Ferreira; 3.º, Fernando Bento (9).

Leiria: 1.º, Mamede Diogo; 2.º, Artur Ferreira; 3.º, Correia Marques; 4.º, José Ferreira; 5.º, Jorge Costa; 6.º, Fernando Nicolau (28). Organização da Associação de Xadrez de Leiria.

A competição do distrito de Lisboa, que foi, naturalmente, a mais concorrida, teve

		I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX
1.º S. Santos	Porto	31 1	19 2	22 3	14 4	2 5	6 5	3 5½	8 6½	5 7½
2.º Ant.º Fernandes	Lisboa	49 1	24 2	16 3	4 4	1 4	8 4½	6 5½	5 5½	17 6½
3.º J. Guimarães	Porto	25 1	15 2	12 2½	13 3½	6 4	14 4½	1 5	22 6	4 6½
4.º Armando Baptista	Lisboa	20 1	27 2	17 3	2 3	29 4	18 4½	26 5½	6 6	3 6½
5.º J. Andresson	Porto	1	23 1½	30 2½	12 3	22 3½	11 4½	14 5½	2 6½	1 6½
6. J. Sequeira	Lisboa	30 ½	38 1½	23 2½	7 3½	3 4	1 5	2 5	4 5½	8 6
7.º A. Ferreira	Leiria	36 1	29 2	11 3	6 3	9 3½	10 4½	24 4½	13 5	22 6
8.º J. Santos	Lisboa	59 1	33 1	2	31 3	12 4	2 4½	13 5½	1 5½	6 6
9.º M. Diamond	Lisboa	62 1	12 1	25 2	32 2½	15 3	7 3	32 4	39 5	24 6
10.º J. Aníbal	Lisboa	38 ½	30 ½	37 1½	21 2½	15 3	7 3	32 4	39 5	24 6
11.º A. Vieira	Porto	56 1	51 2	7 2	49 3	18 3½	5 3½	38 4½	15 5	25 6

12.º J. Azevedo, 5½; 13.º P. Palhares, 5½; 14.º Alb. Fernandes, 5½; 15. J. Maduro, 5½; 16.º J. Silva, 5½; 17.º M. Ferreira, 5½; 18.º F. Castro, 5½; 19.º A. Pepino, 5½; 20.º F. Ribeiro, 5½; 21.º A. Horta, 5½; 22.º C. Lopes, 5; 23.º L. Rocha, 5; 24.º A. Loureiro, 5; 25.º A. Silva, 5; 26.º A. Guimarães, 5; 27.º V. Santos, 5; 28.º J. Costa, 5; 29.º M. Diogo, 5; 30.º Ant. Ferreira, 4½; 31.º W. Araújo, 4½; 32.º F. Gonçalves, 4½; 33.º F. Nicolau, 4½; 34.º A. Curado, 4½; 35.º J. A. Gonçalves, 4½; 36.º O. Ribeiro, 4½; 37.º A. Piedade, 4½; 38.º F. Bento, 4; 39.º N. Amaral, 4; 40.º J. Rodrigues, 4; 41.º J. Coelho, 4; 42.º A. Lopes, 4; 43.º C. Marques, 4; 44.º J. Ferreira, 4; 45.º Jorge Gonçalves, 4; 46.º L. Mendes, 4; 47.º E. Mourinho, 4; 48.º F. Marques, 4; 49.º M. Almeida, 3½; 50.º A. Teixeira, 3½; 51.º J. Neves, 3; 52.º J. Umbelino, 3; 53.º C. Palhais, 3; 54.º J. Galvão, 3; 55. Ant.º Ferreira, 3; 56.º C. Crespo, 3; 57.º A. Rafacho, 3; 58.º F. Pinho, 2½; 59.º M. Amorim, 2½; 60.º B. Rosa, 2½; 61.º A. Sousa 2½; 62.º A. Saraiva, 2; 63.º A. Cruz, 1½; 64.º A. Morais, 1.

# cedor

Muito mais do que pelo aspecto técnico o Torneio F.P.X. valeu pelo facto de ter movimentado milhares de praticantes em todo o país

a seguinte classificação: 1.º, *João Sequeira*; 2.º, *António Fernandes*; 3.º, *Michael Diamond*; 4.º, *Júlio Santos*; 5.º, *Armando Baptista*; 6.º, *Jorge Garrana*; 7.º, *Alberto Fernandes*; 8.º, *Artur Silva*; 9.º, *Jesus Coelho*; 10.º, *Correia Lopes*; 11.º, *Joaquim Aníbal*; 12.º, *António Pepino*; 13.º, *Joaquim*

*Durão*; 14.º, *Fernando Sequeira Jr.*; 15.º, *João Rodrigues*; 16.º, *Armando Lopes*; 17.º, *Vasco Santos*; 18.º, *António Piedade* (98). A Associação de Xadrez de Lisboa organizou.

Em Portalegre, a prova foi levada a efeito pela Associação Distrital de Desportos: 1.º, *Cristóvão Crespo*; 2.º, *Nuno Amaral*; 3.º, *Jorge Umbelino*.

A Associação de Xadrez do Porto encarregou-se do torneio do seu distrito, registando-se a seguinte classificação: 1.º, *Silvio Santos*; 2.º, *João Andresen*; 3.º, *Francisco Lemos*; 4.º, *Arlindo Vieira*; 5.º, *Jorge Guimarães*; 6.º, *Fernando Castro*; 7.º, *José Azevedo*; 8.º, *Amadeu Loureiro Santarém*: 1.º, *José Neves*; 2.º, *Leiria Mendes*; 3.º, *Fausto Ribeiro* (14). Prova organizada pela Associação de Santarém.

Também em Setúbal a competição foi levada a efeito pela Associação de Xadrez do distrito: 1.º, *José Silva*; 2.º, *Manuel de Almeida*; 3.º, *Jorge Gonçalves*; 4.º, *Elias Mourinho*; 5.º, *Custódio Palhais* (25).

Em Vila Real, o torneio efectuou-se por iniciativa da Associação de Xadrez do Porto, tendo-se classificado em 1.º lugar *Wright de Araújo* (5 participantes).

Finalmente, no distrito de Viseu a Associação de Xadrez de Aveiro encarregou-se da organização da prova.

Em cinco distritos (Beja, Bragança, Castelo Branco, Évora e Funchal), dado que houve apenas um núcleo inscrito, os vencedores das competições locais foram directamente apurados para a fase nacional.



## A fase nacional

De 1 a 4 de Dezembro disputou-se em Lisboa, no Centro Social e Cultural dos Trabalhadores do Comércio, a prova nacional.

Não iremos debruçar-nos longamente sobre a grande maratona que constituíram as nove sessões desta competição. Não iremos deter-nos sobre a excelente actuação de Silvio Santos, que praticamente desde o início tomou o comando da prova; para os mais interessados em conhecerem a sucessão de resultados, a tabela classificativa será suficiente. Não iremos sequer referir as marcas espectaculares ou os pormenores mais curiosos.

O que interessa sobretudo notar é a faceta que o acontecimento comporta ao nível do fomento. Porque, efectivamente, muitos dos jogadores que estiveram presentes ficarão para sempre ligados ao xadrez e, ao voltarem para os seus locais de residência, irão, sem dúvida, contribuir para a sensibilização de novos praticantes.

## Três partidas

Para ilustrar este artigo apresentamos seguidamente três partidas ocorridas no Torneio: as duas primeiras foram jogadas nas provas distritais de Lisboa e Porto; a terceira, que fica registada sem qualquer comentário, foi a que, na última sessão da fase nacional, decidiu o vencedor.

### M. CARVALHO - M. DIAMOND

O humor é dos temas mais aprofundados, seja no cinema, na pintura, na música ou mesmo no bailado, mas o mesmo não se passa em xadrez... possivelmente porque os resultados costumam ser catastróficos, e nada resta ao brincalhão, no final da partida, a não ser um pequeno sorriso amarelo, ante o humor negro do adversário!

1. d3 g6 2. e3 Bg7 3. Ce2 c5 4. g3 Cc6 5. Bg2 Db6 6. c3 Cf6 7. Dc2 d5 8. Cd2 0-0 9. b3 Bg4 10. f3 Bd7 11. Bb2 Tac8 12. Rf2 e5 13. h3 Ce8 14. a3



14... f5 15. Tab1 Cd6 16. The1 Be6  
17. Ba1 Dc7 18. Bb2 b5 19. Ba1 Dd7 20.  
Bb2 f4 21. g4 fxe3+ 22. Rxe3 d4+ 23.  
Rf2 h5 24. Rg3 hxg4 25. fxg4 e4 26.  
Bxe4 Be5+ 27. Rg2 Bxg4 28. hxg4  
Dxg4+ 29. Rh1 Dh3+ 30. Rg1 Dh2++  
0:1

#### S. SANTOS — A. MOREIRA

1. f4

Uma das aberturas preferidas por mim, contra a qual as negras jogam o gambito 1... e5 ou submetem-se a jogar uma variante da Holandesa com um tempo a menos.

1... Cf6 2. Cf3 d5 3. d3 c5 4. g3 Cc6 5. Bg2 e6

Este lance conduz a um jogo seguro e sólido mas pouco ambicioso, por parte das negras.

6. c3 Be7 7. 0-0 0-0 8. Dc2 Dc7

8... b6 ou 8... Tc8 seriam de considerar.

9. e4 Ce8!

A ideia é a antecipação a e5, ao mesmo tempo que se ameaça um possível f5, tentando cerrar a posição.

10. Te1 Bd7!

Se 10... f5 11. exd5 exd5 12. Db3, e as pretas estariam mal. 10... b6 é o lance natural.

11. a4 Bf6 12. Ca3 a6 13. Be3!

As brancas não têm pressa em fazer e5, deixando esta vantajosa jogada para mais tarde.

13... d4 14. Bd2!

14. cxd4! conduz a um jogo melhor para as brancas. 14. Bf2! e5 15. fxe5 Cxe5 16. cxd4 Cxf3+ 17. Bxf3 cxd4 ou Bxd4 conduz a uma ligeira vantagem das brancas, também.

14... Tc8 15. e5 Be7 16. Tac1 Db8 17. Te2! Cc7 18. Be1 Cd5 19. Bf2 bxc3

As negras abandonam a sua estabilidade central, preparando-se para atacar na ala de dama, onde o peão a parece débil; plano obrigado pela manobra das brancas iniciada com 17. Te2, colocando o bispo negro em f2, onde, ainda que não pareça (I), exerce a sua quota parte de domínio do tabuleiro.

20. bxc3 Ca5! 21. Cc4!

As brancas tinham já em vista o que se vai seguir. Neste momento parece que as negras obrigaram à debilitação do flanco de dama das brancas e ao imediato ganho de um peão.

21... Cxc4 22. dxc4 Cb6 23. Tb1 Cxc4?

23... Bxa4 24. Da2 ou 23... Dc7! 24. a5, e as negras não parecem resolver os seus problemas.

24. Txb7!

24. Cg5! também ganha.

24... Bxa4! 25. Txb8 Bxc2 26. Txc8 Txc8 27. Txc2 Tb8 28. Cd2 e as negras abandonaram uns lances mais tarde 1:0.

(comentários de SÍLVIO SANTOS)

#### S. SANTOS — J. ANDRESEN

Gambito From

1. f4 e5 2. fxe5 d6 3. exd6 Bxd6 4. Cf3 g5 5. g3 g4 6. Ch4 f5 7. d4 f4 8. Dd3 Ch6 9. e4 Be7 10. Bxf4 Bxh4 11. gxh4 Dxh4+ 12. Bg3 De7 13. Cc3 Be6 14. 0-0-0 Ca6 15. De3 Cf7 16. d5 Bd7 17. Bxa6 bxa6 18. e5 Bf5 19. The1 0-0 20. d6 cxd6 21. Cd5 Db7 22. exd6 Bxc2 23. Rxc2 Tfc8+ 24. Rb1 Tab8 25. Be5 Tc4 26. Bc3 Td8 27. De8+ 1:0

### E, agora, que fazer?

Por experiência própria conhecemos as carências humanas para levar a efeito uma

acção consequente de dinamização de xadrez. Por experiência própria estamos conscientes da pobreza de meios de que dispõem as modalidades desportivas que não se traduzem, pelo menos de modo evidente, em chorudos lucros para alguns. No entanto, há uma estrutura que se vai montando que aponta para uma prática desportiva, ao serviço das populações, e alguma coisa é já possível fazer neste domínio.

Para já, a Federação e as Associações terão de reatar o contacto com os núcleos que participaram no Torneio F. P. X., e, na medida do possível, apoiá-los e mobilizá-los para novas iniciativas.

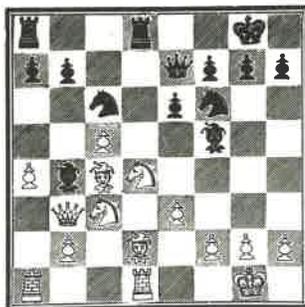
Quem disse que o Torneio F. P. X. é uma prova que se faz uma vez de cinquenta em cinquenta anos? O 50.º aniversário foi só um pretexto; os aspectos positivos da iniciativa foram obra dos núcleos que participam, e também do esforço e da acção conjugada das Associações e Federação. Ter-se-á de corrigir o que não esteve bem, e enquanto houver participação, esforço e acção conjugada, poderemos perguntar: para quando o II Torneio F. P. X.?

JOSÉ OLIVEIRA

## TEMAS ESTRATÉGICOS

# Baile no posto avançado

Não, não se trata propriamente do título de nenhum filme de guerra!... É, simplesmente, a exclamação que salta aos lábios depois de vermos o tremendo «baile» dado por Szabo, a partir do posto avançado que ocupou no território inimigo.



A posição do diagrama é retirado da partida Fuster-Szabo, disputada na Hungria em 1934.

13... Dxc5 14. Cxf5 Ca5! 15. Dc2 Dxc4 16. Cd4?

Permite às negras avançar o Pe com ganho de tempos. Melhor era 16. Cg3, embora a situação também não fosse agradável.

16... e5! 17. Cf3 Cb3 18. Tab1 e4

E as negras conseguiram a criação de um importante posto avançado, em d3.

19. Ce1 Tac8 20. f3!?

As brancas estão quase em zugzwang!

Por exemplo, 20. Bc1 conduz ao final trabalhoso, mas sem esperanças: 20... Txd1+ 21. Dxd1 Bxc3 22. bxc3 Dxc3 23. Txb3 Dxc1 24. Dxc1 Txc1 25. Rf1 Tc7. Por isso, Fuster procura libertar-se a todo o custo.

20... Bc5! 21. Rf2 Td3!!

A ocupação do posto avançado surge de forma inesperada, mediante este sacrifício de qualidade, que se não pode aceitar, pois 22. Cxd3?? cxd3, ganhando a dama!

2. fxe4 Txc3!! 23. bxc3 Cxe4+ 24. Rf3

Começa a longa peregrinação do rei branco. Não servia 24. Rg1 por 24... Cbx2 25. Txd2 Bxe3+ (se 23. Bxc3 Cxe4+ 24. Rg1 Bxe3+).

24... Df1+! 25. Rxe4 Te8+ 26. Rd5 Td8+ 27. Re4

Ou 27. Re5 Df6+ 28. Re4 Te8+ 29. Rd3 Df1++ ou 29. Rd5 De6++.

27... f5+ 28. Re5 Bd6+ 29. Rd5

Se 29. Re6, o mate mais rápido parece ser 28... Cc5+ 29. Rd5 Be7+ 30. Re5 Bf6++.

29... Bc7+ 0:1

Se 30. Re6 Da6+, e mate ao próximo.

Uma brilhante vitória de Szabo, que recentemente celebrou o seu sexagésimo aniversário e que, portanto, contava apenas 17 anos quando se disputou esta partida.

ÁLVARO PEREIRA

# O mate ajudado

Nos «problemas de mate ajudado» as pretas jogam em primeiro lugar.

Toda a ideia de «luta» entre brancas e pretas desaparece. É uma «conspiração» contra o R negro.

De aí a definição: «As pretas jogam e *ajudam* as brancas a dar mate em *n* lances».

Já em 1854 Max Lange publicou dois «mates ajudados», mas foram demolidos. Outro também demolido foi publicado por Samuel Loyd em 1860. Loyd considerava os «ajudados» merecedores de tanta popularidade como os «inversos».

A sua «escola moderna» data de 1920 devido aos trabalhos de T. R. Dawson e desde então tem um domínio muito vasto.

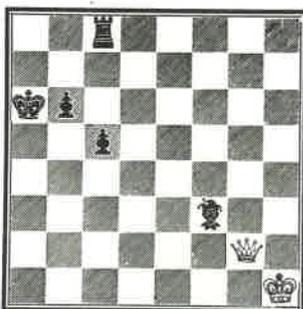
Há cinco sistemas principais que se distinguem por terem ou não variantes brancas ou negras, ou mistas, e até mesmo mais do que uma chave.

Por agora só apresentamos o «mate ajudado» clássico, que é sempre de variante única.

I

GEORGES RENAUD

«L'Éclairer du Soir», 1924



Ajudado 2++

O problema I é um exemplo de grande simplicidade e clareza, cuja solução é: 1. Bb7 (não esquecer que jogam as pretas) De4 2. Tc6 Da4++.

A manobra foi, pois, uma auto-obstrução em b7, seguida de intercepção negra em c6 com despregagem branca.

Verifique o leitor que o Pc5 não está a mais (um problema nunca tem peças a mais). Ele evita a solução demolidora seguinte: 1. Tc5 Dx4 2. Tb5 Da8++.

A ideia do «mate ajudado» não se confina aos lances. Pode ser realizada num número maior de jogadas.

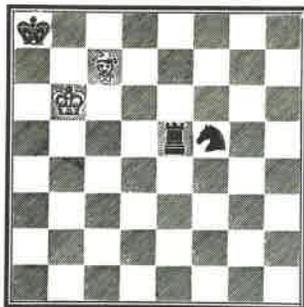
Um exemplo em «problema longo» é o número II.

A linha de jogo única para conseguir o mate é a seguinte: 1. Ch6 Bd8 2. Rb8 Be7 3. Rc8 Bf8 4. Rd8 Rc6 5. Re8 Rd6 6. Rf7 Rxe5 7. Rg8 Rf6 8. Rh8 Rg6 9. Cg8 Bg7++.

II

Z. MASLAR

«Problem», 1955



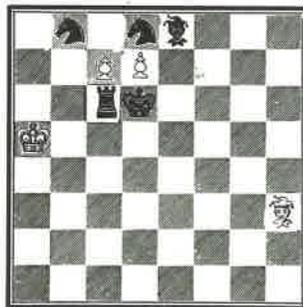
Ajudado 9++

A ideia também se pode apresentar precedida de jogo aparente, sendo então os «ensaios» feitos pelas brancas. Problema III, «ensaio»: 1... c8B 2. Rc7 dxe8C++.

III

T. STEUDEL

«Feenschach», 1956



Ajudado 2++

Solução: 1. Re7 cxd8T 2. Tf6 dxe8D++.

Muitas outras e espectaculares ideias se podem realizar no «ajudado», como por exemplo a dos «problemas gémeos».

Estes, como convém lembrar, são posições que, com pequenas alterações, dão lugar a outros problemas de solução diferente. Em geral, trata-se de mudar a posição duma peça, ou deslocar toda a posição vertical ou horizontalmente, substituir uma peça por outra, etc.

Isto acontece no problema IV, onde a D preta de a6 se vai transformando sucessivamente em T, B, C e P da mesma cor, dando sempre origem a soluções diferentes, como passamos a mostrar:

a. Diagrama: 1. Df6 Cc5 2. Db2 Ta4++.

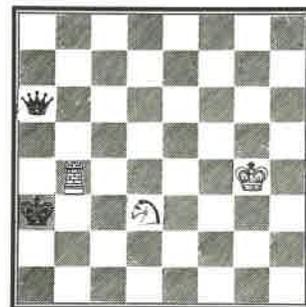
b. Com T em a6: 1. Tb6 Tb1 2. Tb3 Ta1++.

IV

H. FORSBERG

«Revista Romana de Sah», 1935

1.º prémio



Ajudado 2++

Tal como na vida humana, um caso raríssimo de cinco gémeos, todos são e escorritos.

Um belo 1.º prémio, afirmativo das fantásticas possibilidades deste ramo da composição.

Por isso dizem os seus mais entusiastas apaniguados que o «problema directo» é *pão*, o «inverso» é *bolo* — mas o «ajudado» é *creme*.

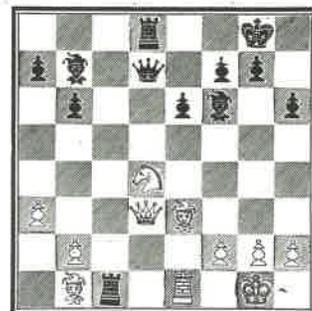
Bom proveito lhes faça!

RUI NASCIMENTO

## Errata

As «gralhas», essas aves que abundam nas tipografias, voltaram a poisar na nossa Revista.

Assim, no número de Novembro, o primeiro diagrama da p. 128 deve ser substituído pelo seguinte:



Nas partidas recentes, p. 130: Miles-Larsen, 14. Cef4 é o lance certo; Larsen-Timman, 6. Cc6; Portish-Larsen, 7. Bf5.

No primeiro diagrama da p. 134 falta uma T preta em f8.

Por estas gralhas e por outras que serão facilmente compreendidas pedirão desculpa aos nossos leitores.

# Sporting campeão nacional

Depois de ter jogado o Campeonato de Lisboa a meio gás, o Sporting exhibe, no Nacional, toda a sua força. Quem baterá esta equipa?

Decorreu de 5 a 13 de Novembro em Albufeira, no Algarve, o Campeonato Nacional de Equipas. Participaram as campeãs dos distritos de Braga, Porto, Santarém, Leiria, Lisboa, Setúbal, Faro e Funchal, além do Campeão Nacional da época anterior. A Associação Académica de Coimbra representou o seu distrito por decisão da Direcção da F. P. X. após ter sido informada pelo presidente da Direcção da Associação distrital de que fora a única equipa inscrita no respectivo torneio.

O Sporting, Campeão Nacional da época anterior, era a equipa favorita por a soma da pontuação Elo dos seus quatro principais jogadores ser a mais elevada do torneio. O seu principal oponente era a equipa do Clube Atlético de Alvalade vencedora do campeonato de Lisboa, que contara com a presença do Sporting. As equipas do Grupo de Xadrez do Porto e da Associação Académica de Coimbra não tiveram força para intervir no duelo que se verificou. O Alvalade terminou o Campeonato contando por vitórias todos os **matches** jogados (ganhando ao próprio Sporting por 2½ : 1½), mas os seus maus resultados contra equipas secundárias, em que os seus dois últimos tabuleiros falharam de maneira evidente, fizeram-no perder este torneio.

Indivualmente é de notar as actualções de José Pereira dos Santos, e Fernando Silva, que ganharam todos os jogos que efectuaram, respectivamente no 1.º tabuleiro do Alvalade e 2.º do Sporting.

Um olhar atento para a classificação final permitirá um ajuizar do desnivelamento, do ponto de vista técnico, dos diversos distritos do país. As duas equipas de Lisboa destacadas, seguidas do Porto e Coimbra, estas distanciam-se de um grupo com as equipas de Santarém, Braga, Faro e Setúbal. No fim as equipas do Funchal e Leiria.

Uma palavra final para a organização do Campeonato, a cargo da Associação de Xadrez de Faro: impecável.

JOSÉ P. SANTOS - LUIS SANTOS

Abertura Catalã

1. d4 Cf6 2. c4 e6 3. g3 d5 4. Bg2 Bc7 5. Cf3 0-0 6. 0-0.

Está definida a chamada abertura Ca-



talã. De criação relativamente recente, a sua ideia consiste em, ao contrário dos sistemas clássicos, desenvolver o bispo de rei das brancas por «fianchetto» (g3, Bg2) de onde fará maior pressão sobre o ponto d5, objectivo de ataque das Brancas, procurando ao mesmo tempo, pelo domínio da grande diagonal h1 - a8, dificultar o desenvolvimento do flanco de dama das negras (particularmente do seu bispo) o que dará às brancas possibilidades de montar um ataque nesse flanco.

6... b6

As negras tentam resolver o seu problema de desenvolvimento talvez não da melhor maneira. Este lance abre a diagonal batida pelo bispo de g2.

7. cxd5 exd5

As brancas trocam os peões do centro com dois objectivos: eliminar uma das defesas do peão d5 e abrir a coluna de bispo de dama para o ataque a este flanco. Vai ser este ataque, «materializado» no peão de c7, que as brancas irão montar com Cc3-Dc2-Bf4-Tc1-Cb5. As negras não têm contra-jogo eficaz por ser de muito lenta preparação, quer um contra-ataque na coluna e, quer no flanco de rei.

8. Cc3 Bb7 9. Dc2 Ca6 10. Bf4 c5

A pressão latente sobre c7 provocou este lance que terá a intenção de procurar contra-jogo com o domínio de peões no centro. Este lance é, no entanto, mais um passo no enfraquecimento do peão d5 que, após se dar a troca dxc5 ficará submetido a pressões na coluna d aberta.

11. Tfd1

Ameaça 12. dxc5.

11... Ce4 12. Cxe4 dxe4 13. dxc5 Dc8 14. Cd2 Cxc5

O objectivo da ataque das brancas passa a ser o peão enfraquecido em e4. As negras não têm possibilidades tácticas que compensem essa debilidade. As brancas continuam paralelamente com o seu ataque no flanco de dama, e a sua estratégia será eliminar, uma a uma, as peças negras que defendem o peão de e4 ou obstem o ataque na coluna c.

Se as negras tivessem tentado 11... c4 com a ideia de explorar a maioria de peões no flanco de dama, seguir-se-ia 12. Ce5, e as negras não podem apoiar eficazmente o avanço da sua infantaria.

15. Tac1

Se 15. Cxe4 Df5 e as brancas não têm vantagem depois da dobragem de peões que se seguirá.

15. ... De6 16. b4 Ca6 17. a3 f5

Aparentemente as negras defenderam a posse do seu peão de e4. Mas as brancas já começaram a eliminação das peças defensoras com 16. b4, e vão prosseguir no seu plano. A peça a fazer desaparecer a seguir será a dama defensora do peão f5. Por isso bom teria sido 17... Tac8, aliviando parte da pressão das brancas no flanco de dama e impedindo o seu plano de simplificação, permitindo às negras tentarem o contra-jogo adequado no flanco de rei.

18. Dc4 Dxc4 19. Cxc4 Tfd8 20. Ce3 Do nosso ponto de vista teria sido mais correcto 18... Rf7 com a ideia de o Rei substituir a dama no papel de defensor. O cavalo branco em e3 ataca agora o próximo defensor de e4 a eliminar: o peão de f5. De notar que o ataque sempre latente, das brancas, no flanco de dama materializado no domínio das colunas c e d impede as negras de defender eficazmente f5.

20... 'g6 21. g4 fxc4 22. Cxc4 Txd1+ 23. Txd1 Td8 24. Tc1

Três acontecimentos importantes se verificaram nas últimas jogadas: foi eliminado mais um defensor de e4; as negras tentaram trocar as duas torres com vista a libertar-se da pressão destas; as brancas mantiveram uma delas na coluna c com a ideia de manter a posição restrita do bispo e cavalo negros do flanco de dama preparando a penetração por essa coluna, conforme se irá verificar. Tal penetração só pode fazer-se eficientemente com uma peça como a torre, ideal para atacar peões fracos por trás. Além de que ela irá apoiar a eliminação das demais peças defensoras.

24... g5 25. Be3 Rg7 26. Ce5 Bf6 27. Cc6

Continua a prossecução metódica do plano delineado à jogada 16. Desaparece agora o último defensor de e4, que impedia, ao mesmo tempo, a penetração da torre em c6 e, portanto, o êxito do ataque branco no flanco de dama.

27... Bxc6 28. Txc6 Td1+ 29. Bf1 h6

Aparentemente as negras têm contra-jogo com a sua penetração na oitava fila. Mas, como se verá, o ataque branco é muito mais forte. Se agora 29... Ta1 30. b5, a torre negra terá de se manter na coluna d para defender a sua segunda fila.

30. b5 Cb8 31. Tc8 Be5

Se 31... Cd7 32. Ta8; e se 31... Td8 32. Txd8 Bxd8 33. Bg2. De notar que estas posições de ganho imparável de um peão são o resultado de toda a estratégia anterior. Teria sido igualmente bom jogar 31. Tc4 de imediato.

32. Tc4 Tb1

Se 32... Bxh2+ 33. Rxh2 Txf1 34. Tc7+ Rf6 35. Txa7 Re6 36. Bxb6.

33. Ta4 Txb5 34. Txa7+ Rf6 35. Tb7 Cc6 36. Txb6 Txb6 37. Bxb6

O ataque das brancas no flanco de dama, planeado quase desde os primeiros lances, foi decisivo e culminou no ganho de um peão nessa ala. Note-se que o facto de o rei negro se encontrar distante dá mais força à vantagem obtida. É de ter em conta também o facto de as brancas, graças ao par de bispos que possuem, terem melhor apoiada a viagem do seu peão até fazer dama. No entanto este final ainda tem dificuldades técnicas pois o peão de a é facilmente bloqueável via Bc3-Ca5. Em tal caso, as brancas teriam de se aproveitar do facto das peças negras estarem amarradas a esse flanco para atacar decisivamente do outro lado do tabuleiro. O jogador das negras preferiu fazer um ataque aventureiro ao flanco de rei que só conduziu a uma derrota mais rápida. Dá-se o resto da partida sem mais comentários.

37... Bc3 38. e3 Rf5 39. Bb5 Ce5 40. a4 Rg4 41. Rg2 Cf3 42. Bd7+ Rh4 43. a5 Ce1+ 44. Rf1 g4 45. a6 Rh3 46. a7 Cf3 47. a8D Cxh2+ 48. Re2 h5 49. Db8 Rg2 50. Dg3+ Rh1 51. Bc6 h4 52. Bxe4+ Cf3 53. Dxc4 1:0

#### L. SANTOS - M. LOPES

*Defesa ortodoxa*

1. c4 e6 2. Cc3 Cf6 3. Cf3 d5 4. d4 Be7 5. Bg5 0-0 6. e3 c6 7. Tc1 Cbd7 8. Bd3 Te8.

Se este lance não foi feito mecanicamente e as negras tencionam libertar o seu jogo via e6-e5, então poderiam tê-lo feito, sem necessitar deste lance, com 8... dxc4 9. Bxc4 Cd5 10. Bxe7 Dxe7 11. 0-0 Cxc3 12. Txc3 e5.

9. 0-0 Ch5?!

Lance duvidoso. Se a intenção das negras é trocar os bispos para poder apoiar

o lance e5, então seria melhor jogar 9... dxc4 10. Bxc4 Cd5.

10. Ce5! g6

Se 10... Bxg5 ou 10... Cxe5 11. Bxh7+.

11. Bxe7 Dxe7 12. f4

Nesta situação as brancas procuram manter a posição do seu cavalo e explorar possibilidades de ataque no flanco de rei com o avanço dos peões nessa ala. De facto, as casas f6, g7 e h6 estão permeáveis à penetração branca, pois perderam o bispo seu defensor. O último lance das brancas é dissuasor de 12... Cxe5 porque após 13. fxe5 a coluna aberta e as debilidades negras dão fortes possibilidades de ataque ao seu opositor.

12... f5

Tentando parar o ataque branco. Interessante seria 12... f6 para expulsar o cavalo. O jogo das negras continuaria, no entanto, restringido.

13. Cxd7 Bxd7 14. c5.

Com os dois últimos lances o jogo tomou um carácter definido que irá condicionar o plano a empregar pelas brancas. A estas teria sido difícil continuar

o ataque no flanco de rei. Tentarão agora aproveitar-se do facto de terem mais espaço de manobra para as suas peças e do facto de o bispo de casas brancas do adversário não ter liberdade de jogo por estar por trás dos peões que estão em casas da mesma cor.

Neste tipo de posições, em que as brancas não têm muitos objectivos de ataque no campo negro, é conveniente não deixar fechar demasiado o jogo para se poder penetrar na posição das negras. O ideal será abrir, tal e qual como vemos que se fez na partida, uma coluna no flanco de dama e outra no de rei com vista a aproveitar a superioridade de espaço e maior mobilidade das peças pesadas (dama e torres) das brancas para passar do ataque num flanco para um rápido ataque no outro: as peças negras, com menos espaço, não terão tempo para acorrer a ambos os lados. Quanto às peças menores (bispos e cavalos), boa política para as brancas é conservar o cavalo e trocar o seu bispo de casas negras pelo cavalo negro se este atingir uma casa forte como e4. De facto, poderia parecer,



A EQUIPA VENCEDORA: L. SANTOS,, A. ILHARCO, R. MARQUES, R. FIGUEIREDO E F. SILVA

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Pts.
1 Sporting C. P.	●	1½	3	3	4	3	4	4	4	3	29½
2 C. A. Alvalade	2½	●	3	3½	3	3½	3½	3	2½	4	28
3 G. X. do Porto	1	1	●	2½	2	3½	1½	3½	4	3	22
4 Académica de Coimbra	0	1	1½	●	3½	2	2	3½	3½	4	21½
5 G. X. de Santarém	1	1	2	½	●	2½	2½	3	2½	2½	16½
6 G. X. de Braga	0	½	½	2	1½	●	2	1	4	3½	16½
7 Xadrez Almadense	0	1	2½	2	1½	2	●	2	3	2	15½
8 S. Faro e Benfica	0	1½	½	½	1	3	2	●	3	4	15
9 G. X. do Funchal	1	0	0	½	1,5	0	1	1	●	3	8½
10 S. I. R. 1.º de Maio	1	½	1	0	1,5	½	2	0	1	●	7

à primeira vista, ser bom conservar o bispo branco, mas os cavalos dão-se melhor em posições fechadas desde que possam penetrar na posição do adversário (como aqui) nas casas e4 e e5, das quais não podem ser desalojados por peões), e o bispo branco, embora possam atacar os peões negros, está também tapado pela posição destes. De notar que serão estes dois factores conjugados (falta de espaço e bispo «mau») que irão fazer as negras perder o jogo.

14... Cf6 15. Df3?!

Lance feito com a ideia de vir a apoiar um avanço dos peões na ala de rei, mas que se revelou mau por afastar a dama do futuro campo de ataque, como veremos pela continuação do jogo.

15... Rh8 16. b4

As brancas vão agora abrir o jogo no flanco de dama.

16... b5 17. a4 a6 18. axb5 axb5

Outra ideia poderia ter sido dobrar as peças pesadas na coluna a antes de abrir o jogo, pois as negras não poderiam fazer o mesmo devido à sua falta de espaço.

19. Ta1 Dd8 20. h3 Dc7 21. De2 Db7 2. Db2.

Ambos os lados manobram para disputar a coluna. Aqui se vê a perda de tempo de 15. Df3. A penetração das peças pesadas em qualquer dos campos poderia, neste momento, ser fatal para as aspirações do bando invadido.

2... Txa1 23. Txa1 Ta8 24. Ta3 Ce8

Única para conseguir manter as peças pesadas na coluna a, impedindo a penetração branca. O plano das brancas, ago-

ra que as peças pretas estão na defesa do flanco de dama, é abrir a coluna do flanco de rei e colocar as suas peças livres para o ataque nesse lado.

25. Da1 Cc7 26. g4 Ta6?! 27. Rg2 Txa3 28. Dxa3 Da6 29. Db2.

As brancas interessa-lhes manter uma peça pesada, pelo menos, para poderem penetrar no campo negro, apoiando decisivamente a entrada do seu cavalo em e5, conforme se irá verificar na partida. Se 27... Da8 28. Txa6 Dxa6 29. Db2, conservando a dama.

29... Ce8 30. Be2 Cf6 31. Bf3

Esta manobra de bispo destinou-se a defender g4, caso o cavalo permanecesse em f6, e a permitir Bxe4, caso o cavalo penetre nessa casa.

31... Rg8 32. Rf2

As brancas não abrem de imediato a coluna g porque é necessária esta medida prévia: colocar o rei na coluna b, de forma a não deixar penetrar a dama negra. Só então esta poderá ser utilizada para atacar no flanco de rei.

32... Rf7 33. Re1 Re7 34. Rd2 Da8 35. Rc2 h5?

Mau lance porque facilita o trabalho das brancas de abertura da coluna g, «obrigando-as» a fazerem o que elas querem. De facto, a possibilidade que as negras tinham de responder a gxf5 com exf5 obrigava a uma preparação mais cuidada deste tipo de lance. Além disso, ficou criado um novo peão fraco em h5, que irá ser objectivo de ataque das brancas por estar demasiado avançado numa posição em que as peças de defesa das negras estão restringidas.

36... gxf5 gxf5 37. Rb3 Dg8 38. Df2 Be8

Aparentemente as negras controlam a nova coluna, só que não podem fazê-lo e ao mesmo tempo controlar a penetração Df2-h4-g5. De notar que a dama em h4 ataca, de passagem, um peão, pelo que é necessário jogar De8 ou ceder a coluna. A manobra seguinte das brancas terá que ser a colocação do cavalo em d3, donde defenderá b4 e ameaçará Ce5.

Esta penetração é essencial para restringir as peças negras à defesa, dando mais efectividade à dama branca. (Por exemplo: se, em qualquer momento as negras jogam Cd7 impedindo a entrada em e5, as brancas poderão jogar Dh4, penetrando decisivamente).

39. Ce2 Bf7 40. Rb2 Da8 41. Cc1 Dg8

Se 41... Da4 42. De1 Ce4 43. Cd3. O lance Ce5 e a penetração em h4 são fatais, pois as negras não têm reacção possível depois de se trocar o bispo pelo cavalo negro na altura oportuna.

42. Cd3 Dg7 43. Ce5 Be8 44. Rc2!

Como vemos, as peças negras atrapalham-se umas às outras. O último lance das brancas teve como objectivo permitir 45. Dh4 Dg1 46. Dg5 Df2+ 47. Rd3, impedindo os xeques e defendendo e3, dando carácter destruidor ao ataque que a sua dama, colocada em g5, irá efectivar. Se 46... Dxc5 47. fxc5 Ch7 48. h4, ganhando depois de Ce5-d3-f4. Se as negras adoptam uma atitude passiva e deixam penetrar a dama branca em g5, mantendo a sua própria dama em h7, as brancas ganham colocando o seu rei na casa h4 para, finalmente, ou trocarem de damas (se as negras o permitirem) penetrando com o rei decisivamente, ou entrarem pelo flanco de dama via Dg5-g2-a2.

44... Dg8 45. Dh4 Dg1 46. Dg5 Dxc5 47. hxg5 Ch7 48. h4 Rf8 49. Cd3 Rg7 50. Cf4 Cf8 51. Cxh5+ Bxh5 52. Bxh5 1:0

Após 52... Cd7, as brancas ganham final aproximando o rei para dar o apoio aos seus peões ou penetrar em e5.

MANUEL SERRA



## MATERIAL DIDÁCTICO DO PRÉ-PRIMÁRIO AO UNIVERSITÁRIO

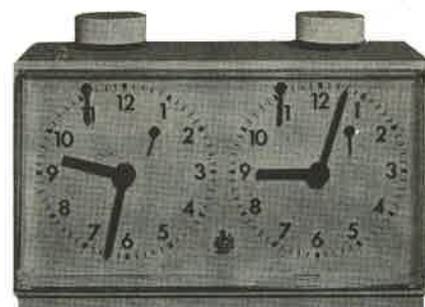
JOVEM — nos teus tempos livres PRÁTICA XADREZ

TEMOS AO TEU DISPOR:

Jogos em madeira — Tabuleiros — Conjuntos com peças e tabuleiro  
Jogos magnéticos e perfurados — RELÓGIOS DE XADREZ

E DISPOMOS AINDA DE:

Filmes 16 e 8 mm — Diapositivos — Astromodelismo etc.



PEDIDOS A: NUCLEON — EQUIPAMENTOS DE PRECISÃO, LDA.  
Avenida Columbano Bordalo Pinheiro. 57-A — Telef. 77 02 37 - 77 03 51 — LISBOA - 1

# Korchnoi em vantagem

**Boris Spasski e Vitor Korchnoi jogam em Belgrado o match final de candidatos para apuramento do pretendente ao título máximo mundial, na posse de Karpov**

Prevista para 15 de Novembro, a primeira partida foi adiada para 21, devido a um acidente registado por Korchnoi e Keene, na Suíça. Em 8 de Novembro o táxi em que viajavam chocou com uma viatura militar e deu três voltas sobre si próprio. O aparatoso acidente saldou-se por uma mão partida para Korchnoi e sérios ferimentos para o motorista; apenas Keene, que viajava no banco de trás, saiu incólume.

Korchnoi mostrava-se disposto a iniciar o encontro na data inicialmente prevista, jogando com a esquerda, como disse, mas, a conselho médico, decidiu solicitar o adiamento de uma semana.

Spasski progosticou um *match* prolongado, prevendo, naturalmente, um certo equilíbrio de forças. Todavia assistiu-se, até agora, a um forte domínio de Korchnoi, que se traduz numa vantagem de 4 pontos. Vendo a forma como Korchnoi superou Polugaevski e se apresta para ganhar este *match* final, há quem se lembre de um certo senhor Fischer!

KORCHNOI ½ 1 1 ½ ½ ½ 1 1 ½ 1 0 7½

SPASSKI ½ 0 0 ½ ½ ½ 0 0 ½ 0 1 3½

Em todas as partidas Korchnoi tem jogado um xadrez moderno, dinâmico, saindo quase sempre com melhor desenvolvimento da abertura, onde tem revelado melhor preparação que Spasski.

Spasski tem como segundo Igor Bondarevski, velho companheiro de outros *matches*, enquanto Korchnoi é ajudado pelos grandes-mestres britânicos Raymond Keene e Michael Stean.

Os leitores atentos aos temas estratégicos encontrarão, nas partidas seguintes, interessantes lutas do par de bispos contra bispo e cavalo, bispos de cor diferente, domínio da grande diagonal branca (*a8-h1*), apoio central (ou falta dele) para os cavalos, etc..

## 1.ª PARTIDA

Spasski jogou uma variante (6... Bc5 7. Cb3 Bb4) considerada inferior. As brancas conseguiram o par de bispos, enquanto que aos cavalos negros faltaram apoios centrais. Tendo obtido um forte

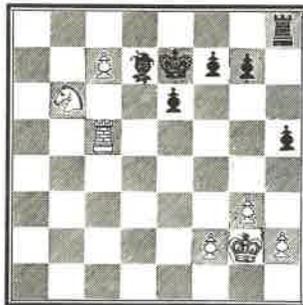
peão passado, as brancas viram gorados os seus desejos de vitória, devido à defesa negra plena de engenho.

De notar que 10... Cxc3? 11. Dxd8+ seguido de axb4 e 11... Cxc3? 12. Dxd8+ e Bb2 dão vantagem às brancas.

## KORCHNOI - SPASSKI

Inglesa

1. c4 c5 2. Cf3 Cf6 3. Cc3 Cc6 4. d4 cxd4 5. Cxd4 e6 6. g3 Bc5 7. Cb3 Bb4 8. Bg2 d5 9. cxd5 Cxd5 10. a3 Bxc3+ 11. bxc3 0-0 12. Dc2 Dc7 13. c4 Ce5 14. Cd2 b5 15. c5 Bb7 16. 0-0 Tac8 17. Cb3 a5 18. e4 Ce7 19. Bd2 Cc4 20. a4 Ba6 21. axb5 Bxb5 22. Tfc1 Cc6 23. Bc3 Tfd8 24. Bf1 a4 25. Bxc4 Bxc4 26. Txa4 Bb5 27. Ta3 Td3 28. Taal h5 29. Cd2 Cd4 30. Bxd4 Txd4 31. Dc3 Tcd8 32. Cb3 Txe4 33. Da5 Dxa5 34. Cxa5 Ta4 35. Txa4 Bxa4 36. c6 Rf8 37. c7 Tc8 38. Tc5 Re7 39. Cc4 Bd7 40. Rg2 Th8 41. Cb6



41... Rd6 42. c8D Bxc8 43. Txc8 Txc8 44. Cxc8+ Rc7 45. Ce7 Rd7 46. Cg8 h4 47. g4 Re8 48. Rh3 Rf8 49. Ch6 gxh6 50. Rxh4 Rg7 51. Rg3 Rg6 52. Rf4 f6 1/2:1/2

## 2.ª PARTIDA

Spasski escolheu uma variante (7. Dg4, 10. Ce2) pouco jogada actualmente. 13. Be3 é inferior, pois, com 13... d4!, as negras conseguiram forte pressão central (coluna d) e no flanco de rei e, ainda, superior desenvolvimento.

Interessante e instrutiva é a caça final ao rei branco, com um mínimo de material atacante.

## SPASSKI - KORCHNOI

Francesa

1. e4 e6 2. d4 d5 3. Cc3 Bb4 4. e5 c5 5. a3 Bxc3+ 6. bxc3 Ce7 7. Dg4 cxd4 8. Dxc7 Tg8 9. Dxh7 Dc7 10. Ce2 Cbc6 11. f4 Bd7 12. Dd3 dxc3 13. Be3 d4 14. Bf2 0-0-0 15. Cxd4 Cxd4 16. Dxd4 b6 17. Bh4 Bb5 18. De4 Bxf1 19. Txf1 Td5 20. Bxe7 Dxe7 21. Tf3 Rb8 22. Rf1 Td2 23. Tf2 Tgd8 24. Df3 Txf2+ 25. Rxf2 Td2+ 26. Rg3 Dd8 27. De4 Dg8+ 28. Rh3 Dh8+ 29. Rg3 Dg7+ 30. Rh3 Td8 31. g4 Th8+ 32. Rg3 Dh6 33. Dg2 Dh4+ 34. Rf3 Td8 35. Dg3 De7 36. g5 Td2 37. Rg4 Db7 38. Dxc3 Tg2+ 39. Rh3 Tf2 40. Rg4 De4 0:1

## 3.ª PARTIDA

Spasski insistiu numa variante da Inglesa de que possui pouca experiência, ao contrário de Korchnoi. As brancas obtiveram o par de bispos, numa posição aberta, e o domínio da grande diagonal branca pelo Bg2, onde se encontrava o Pd5 fraco.

Corrente é 11. e5 Ce8 12. Bd2 f6!. Diferindo o avanço e4-e5, Korchnoi obteve pressão sobre d5.

Na partida, eram inferiores para as negras 14... Cxc3 15. bxc3 Bxc3? 16. Tac1 e 16... Cxc3 17. Db2.

## KORCHNOI - SPASSKI

Inglesa

1. c4 c5 2. Cf3 Cf6 3. Cc3 Cc6 4. d4 cxd4 5. Cxd4 e6 6. g3 Db6 7. Cb3 Ce5 8. e4 Bb4 9. De2 0-0 10. f4 Cc6 11. Be3 Dc7 12. Bg2 d5 13. e5 Ce4 14. 0-0 Bxc3 15. cxd5 exd5 16. bxc3 b6 17. Tac1 f5 18. exf6 e. p. Cxf6 19. Cd4 Te8 20. Dd3 Ca5 21. Cb5 Dc6 22. Bd4 Ce4 23. Be5 Ba6 24. a4 Cc4 25. Dd4 Cxe5 26. fxe5 Bxb5 27. axb5 Dxb5 28. c4 Dc5 29. Dxc5 Cxc5 30. Bxd5+ Ce6 31. Ta1 a5 32. Bxa8 Txa8 33. Tab1 a4 34. Txb6 Cd4 35. Td6 1:0

## 4.ª PARTIDA

10... f6 foi novidade na 3.ª partida do *match* Timman - Korchnoi, Leewarden 1976 e que, agora, Spasski não conseguiu refutar.

Se 17. cxd5 Tgx2+ 18. Rh1 e4 19. Bf1 exf3 20. Bxg2 Bxg2+ 21. Rg1 Tg8, ameaçando Bh3+ e Tg2. Se 20. Bxc4 Bxg2, ameaçando Bxf3+.

21. g3 devolve a peça, mas assegura o rei.

## SPASSKI - KORCHNOI

Francesa

1. e4 e6 2. d4 d5 3. Cc3 Bb4 4. e5 c5 5. a3 Bxc3+ 6. bxc3 Ce7 7. a4 Bd7 8. Cf3 Da5 9. Bd2 Cbc6 10. Be2 f6 11. c4 Dc7 12. exf6 gxf6 13. cxd5 Cxd5 14. c3 0-0-0 15. 0-0 Thg8 16. Te1 e5 17. c4 Bh3 18. Bf1 Cb6 19. d5 Cxc4 20. dxc6 Dxc6 21. g3 Bxf1 22. Txf1 e4 23. Db3 Dd5 24. Tac1 Cxd2 25. Cxd2 Dxd2

26. Txc5+ Rb8 27. Tb1 Tg7 28. Tcb5 Tdd7 29. De6 e3 30. fxe3 Tge7 31. Dg8+ Td8 32. Db3 Tdd7 33. Dg8+ Td8 34. Db3 Tdd7 1/2:1/2

### 5.ª PARTIDA

No lance 22 as brancas tinham o par de bispos e, praticamente, um peão a mais. As negras criaram então um posto avançado em b2, que as brancas anularam, entrando num final igualado de bispos de cor diferente.

#### KORCHNOI - SPASSKI

*Inglesa*

1. c4 c5 2. Cf3 Cf6 3. Cc3 Cc6 4. d4 cxd4 5. Cxd4 e6 6. g3 Db6 7. Cb3 Bb4 8. Bg2 Da6 9. Cd2 Bxc3 10. bxc3 0-0 11. 0-0 d5 12. Db3 Bd7 13. Da3 Ca5 14. cxd5 exd5 15. c4 Bg4 16. Bb2 Ce4 17. Cxe4 dxe4 18. Bc3 Cxc4 19. Dxa6 bxa6 20. Bxe4 Tab8 21. f3 Be6 22. Tfb1 a5 23. Bd3 a4 24. Rf2 a3 25. Tb3 Cb2 26. Txa3 Cxd3+ 27. exd3 Tfd8 28. Td1 Td7 29. g4 f6 30. Td2 Rf7 31. Ta4 Tb5 32. Bd4 a5 33. Bc3 Tc7 34. Ta3 a4 35. Bd4 Tb4 36. Tc3 Txc3 37. Bxc3 Tb5 38. a3 h5 39. h3 hxg4 40. hxg4 f5 41. g5 Tb3 42. Bb4 f4 43. Te2 Bd5 44. Te5 1/2:1/2

### 6.ª PARTIDA

8. dxc5 parece-nos novidade nesta posição. O seu desiderato é jogar Bd3 sem temer c4. Todavia as brancas não conseguiram romper o equilíbrio.

#### SPASSKI - KORCHNOI

*Francesa*

1. e4 e6 2. d4 d5 3. Cc3 Bb4 4. e5 c5 5. a3 Bxc3+ 6. bxc3 Ce7 7. Cf3 Bd7 8. dxc5 Dc7 9. Bd3 Ba4 10. Be3 Cd7 11. Db1 Cc6 12. Cd4 Cdx5 13. Bb5 Da5 14. Bxa4 Dxa4 15. 0-0 0-0 16. Db3 Dxb3 17. cxb3 Tfc8 18. Cb5 Cg4 19. Cd6 Cxe3 20. fxe3 Tc7 21. a4 Ce5 22. b4 b6 23. e4 bxc5 24. exd5 exd5 25. Tfd1 cxb4 26. cxb4 Cc4 27. Txd5 Td7 28. Cf5 Txd5 29. Ce7+ Rf8 30. Cxd5 Td8 31. Cc3 Td2 a5 Tc2 33. Cb5 a6 34. Cd4 Td2 35. Cc6 Tb2 36. Td1 g5 37. Td3 h5 38. h3 h4 39. g3 hxg3 40. Txc3 f6 41. Tc3 Ce5 42. Cxe5 fxe5 43. Tc5 Txb4 44. Txe5 Th4 1/2:1/2

### 7.ª PARTIDA

Spasski voltou ao seu esquema habitual contra a Inglesa: transposição para a variante Tartakover do Gambito de Dama.

Korchnoi obteve um peão passado, Spasski reagiu criando outro. No entanto, as liquidações deixaram as brancas com o domínio da 7.ª linha, o que se revelou decisivo.

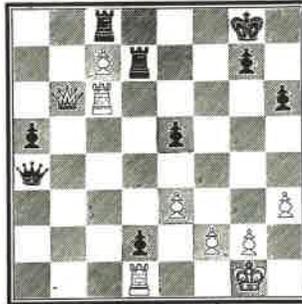
21... Dxc6? 22. Ce4 Dd7 (De8) 23.

Cxf6 gxf6 24. Dg4+ Rh8 25. Df4, ameaçando Tc7 e Dxb6+.

#### KORCHNOI - SPASSKI

*Gambito de Dama*

1. c4 e6 2. Cc3 d5 3. d4 Be7 4. Cf3 Cf6 5. Bg5 0-0 6. e3 h6 7. Bh4 b6 8. Tc1 Bb7 9. Bxf6 Bxf6 10. cxd5 exd5 11. b4 c6 12. Be2 Cd7 13. 0-0 a5 14. b5 c5 15. dxc5 Cxc5 16. Cd4 Dd6 17. Bg4 Tfd8 18. Te1 Ce6 19. Bxe6 fxe6 20. Cc6 Bxc6 21. bxc6 Bxc3 22. Txc3 Tac8 23. Dc2 e5 24. c7 Td7 25. Tc1 d4 26. Tc6 Dd5 27. Db1 d3 28. Dxb6 d2 29. Td1 Dxa2 30. h3 Da4.



31. Txd2 Txd2 32. Db7 Tdd8 33. cxd8D+ Txd8 34. Tc7 Da1+ 35. Rh2 e4 36. Dxe4 Df6 37. f4 Df8 38. Ta7 Dc5 39. Db7 Dc3 40. De7 Tf8 41. e4 Dd4 42. f5 h5 43. Txa5 Dd2 44. De5 Dg5 45. Ta6 Tf7 46. Tg6 Dd8 47. f6 h4 48. fxc7 1:0

### 8.ª PARTIDA

Desta vez Spasski mobilizou rapidamente as suas peças e conseguiu a vantagem numa iniciativa permanente, através do sacrifício de um peão, que lhe rendeu dois mais tarde.

Tomar Pe5 com 11... Cxe5 era perigoso e 14. Dd4, segundo José Pereira dos Santos, era interessante.

O sacrifício de qualidade (46. Txc6) pretendia não perder o Pf3 e manter oportunidades de ganhar.

48. f4 deve ser um erro que torna o Pd5 extremamente perigoso. Impunha-se avançar o Ph5: 48. h5 T2a6 49. Txa6 (49. Ce6+? Rc4 50. Tg7 Txe6 51. Txa7 Txb6+ com provável empate) Txa6 50. Cf7, com vantagem decisiva.

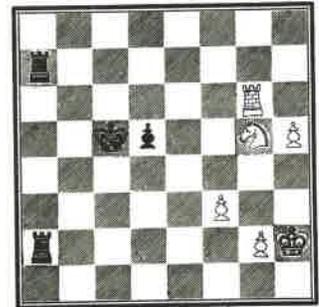
Com várias continuações de igualdade, Spasski, em nítida desvantagem no match, tentou tudo pela vitória e... perdeu: os peões finais, de que dispunha em troca da torre, estavam demasiado atrasados.

#### SPASSKI - KORCHNOI

*Francesa*

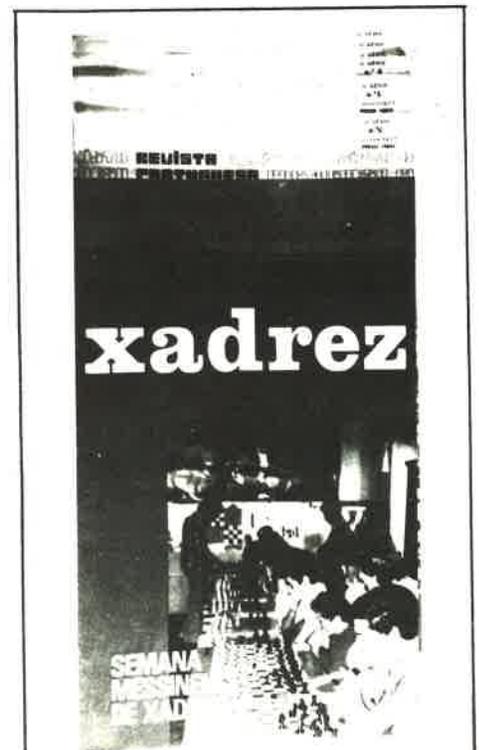
1. e4 e6 2. d4 d5 3. Cc3 Bb4 4. e5 c5 5. a3 Bxc3+ 6. bxc3 Ce7 7. Cf3 Bd7 8. dxc5 Dc7 9. Bd3 Ba4 10. 0-0 Cd7 11. Cd4 Cxc5 12. Bb5+ Bxb5 13. Cxb5 Dxe5 14. Te1 Ce4 15. f3 a6 16. Cd4 Cxc3 17. Dd2 Dc7 18. a4 Tc8 19. Bb2 b5 20. Bxc3 Dxc3 21. Dxc3 Txc3 22. axb5 axb5 23.

Cxb5 Txc2 24. Cd6+ Rd7 25. Cxf7 Tb8 26. Ta7+ Re8 27. Ce5 Tbb2 28. Ta8+ Cc8 29. Cd3 Tb6 30. h4 Rd7 31. Ta4 Rd6 32. Tg4 Td2 33. Cf4 e5 34. Ch5 g6 35. Cf6 Tb7 36. Ce8+ Rd7 37. Txe5 Tb1+ 38. Rh2 Ce7 39. Ta4 Cc6 40. Cf6+ Rd6 41. Tg5 Tb7 42. Ta6 Tf7 43. Cxh7 Rc5 44. Txc6 Ce5 45. Cg5 Cxg6 46. Txc6 Ta7 47. h5 Tda2.



48. f4 d4 49. h6 d3 50. Tg8 T2a6 51. h7 Txb7+ 52. Rg3 Td7 53. Tc8+ Rb4 54. Tb8+ Ra3 55. Ce4 d2 56. Cxd2 Txd2 57. Tg8 Rb4 58. Rf3 Rc5 59. g3 Ta3+ 60. Re4 Te2+ 61. Rf5 Rd6 62. g4 Ta5+ 63. Rg6 Te6+ 64. Rh7 Ta7+ 65. Tg7 Txc7+ 66. Rxc7 Te4 0:1

VICTOR SILVA



Leia, assine e divulgue a

**REVISTA  
PORTUGUESA  
DE XADREZ**

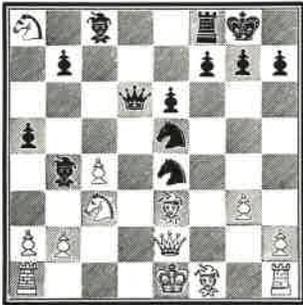
# PARTIDAS RECENTES

## A. KARPOV - A. MILES

Tilburg 1977

Inglesa

1. c4 c5 2. Cf3 Cf6 3. Cc3 Cc6 4. d4 cxd4 5. Cxd4 e6 6. g3 Db6 7. Cb3 Ce5 8. e4 Bb4 9. De2 a5 10. Be3 Dc6 11. f3 0-0 12. Cd4 Da6 13. Cb5 d5 14. Cc7 Dd6 15. Cxa8 dxe4 16. fxe4 Cxe4



17. Td1 Dc6 18. Bg2 Cxc4 19. Bd4 Bxc3+ 20. bxc3 f5 21. 0-0 Ccd6 22. Cb6 e5 23. Cxc8 Txc8 24. Bxe5 Dc5+ 25. Bd4 1:0

## T. PETROSIAN - L. ALBURT

Leninegrado 1977

Volga

1. d4 Cf6 2. c4 c5 3. d5 b5 4. Cf3 g6 5. cxb5 a6 6. e3 Bg7 7. Cc3 0-0 8. a4 axb5 9. Bxb5 d6 10. 0-0 Ca6 11. Ta3 Cc7 12. Cd2 Cd7 13. Bxd7 Bxd7 14. Cc4 Ta6 15. e4 Db8 16. Dc2 Db4 17. Ca2 Db7 18. Bd2 Tfa8 19. a5 Cb5 20. Tb3 Dc7 21. Bc3 Cd4 22. Bxd4 Bxd4 23. Cc3 Tb8 24. Tb6 Taa8 25. Db3 Dd8 26. Cb5 Bg7 27. Ca7 De8 28. Ta1 Bf8 29. Cc6 Tc8 30. a6 Tc7 31. Tb7 Txc6 32. dxc6 Bxc6 33. a7 Bxe4 34. Tb8 Dd7 35. Txa8 Bxa8 36. Cb6 Db7 37. Df3 1:0

## W. BROWN - R. BYRNE

Mentor 1977

Holandesa

1. d4 f5 2. Cc3 Cf6 3. Bg5 d5 4. Bxf6 exf6 5. e3 Be6 6. Bd3 g6 7. Df3 c6 8. Cge2 Cd7 9. h3 Db6 10. g4 Dxb2 11. Tb1 Da3 12. gxf5 Bf7 13. Txb7 Bb4 14. 0-0 0-0-0 15. Txb4 Dxb4 16. Ba6+ Rc7 17. Tb1 Dd6 18. Tb7+ Rc8 19. Tb3+ Rc7 20. Tb7+ Rc8 21. e4 Cb8 22. Cb5 exb5 23. Dc3+ Cc6 24. e5 Dc7 25. e6 1:0

## S. KONSTANTINOV - G. SKOMOROKOV

Moscovo 1977

Benoni

1. d4 Cf6 2. c4 c5 3. d5 e6 4. Cc3 exd5 5. cxd5 d6 6. Cf3 g6 7. Bg5 h6 8. Bh4 g5 9. Bg3 Ch5 10. Da4+ Dd7

11. Cb5 Cxg3 12. hxg3 g4. 13. Ch4 Rd8 14. e3 Bg7 15. Bd3 Ca6 16. Bf5 De7 17. Bxc8 Txc8 18. Cf5 Df6 19. Cfxd6 Dxb2 20. 0-0 Re7 21. Cxc8+ Txc8 22. Dxg4 Td8 23. Tab1 De5 24. Cxa7 1:0

## DONNER - NUNN

Londres 1977

Benoni

1. d4 Cf6 2. c4 c5 3. d5 e6 4. Cc3 exd5 5. cxd5 d6 6. Cf3 g6 7. e4 Bg7 8. Be2 0-0 9. 0-0 Te8 10. Dc2 Ca6 11. Bf4 Bg4 12. h3 Bxf3 13. Bxf3 Db6 14. a3 c4 15. Ca4 Dc7 16. Cc3 Dd7 17. Be2 Tac8 18. Tfe1 b5 19. Bf1 Cc5 20. Tad1 a5 21. e5 dxe5 22. Bxe5 b4 23. axb4 axb4 24. Cb1 Cce4 25. Bd4 b3 26. Dc1 Cxd5 27. Bxg7 Rxg7 28. Bxc4 Da7 29. Te2 Dc5 30. Ca3 Cb6 31. Df4 Cxc4 0:1

## H. KELLER - G. RICKERS

Corr.

Caro-Kann

1. e4 c6 2. d4 d5 3. exd5 cxd5 4. c4 Cf6 5. Cc3 e6 6. Cf3 Be7 7. cxd5 Cxd5 8. Bd3 Cc6 9. 0-0 0-0 10. Te1 Cf6 11. a3 b6 12. Bc2 Bb7 13. Dd3 g6 14. Bh6 Te8 15. Tad1 Tc8 16. Bb3 Ca5 17. Ba2 Cd5 18. Ce4 Cf6 19. Cc3 Cd5 20. Ce5 Bf8 21. Dh3 Bxh6 22. Dxb6 Cxc3 23. bxc3 De7 24. Cg4 Cc4 25. d5 Ted8 26. Df4 b5 27. Bxc4 Txc4 28. d6 Df8 29. Cf6+ Rh8 30. De5 Bc6 31. f4 Dh6 32. Tf1 Dg7 33. Td3 Te4 34. Cxe4 Dxe5 35. fxe5 Bxe4 36. Td4 f5 37. Txe4 fxe4 38. Tf7 Rg8 39. Te7 Tf8 40. d7 e3 41. Te8 e2 Txf8+ 1:0

## H. DUNHAUPT - A. CHASIN

Corr.

Francesa

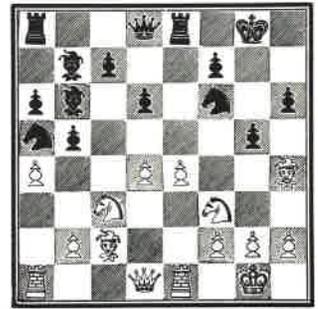
1. e4 e6 2. d4 d5 3. e5 c5 4. c3 Cc6 5. Cf3 Db6 6. Be2 cxd4 7. cxd4 Ch6 8. Cc3 Cf5 9. Rf1 Bd7 10. Ca4 Da5 11. Bd2 Dd8 12. Bf4 f6 13. Bd3 Cfxd4 14. Cxd4 Cxd4 15. Dh5+ Re7 16. Be3 Bxa4 17. Bxd4 Be8 18. Dh3 Rf7 19. exf6 gxf6 20. Te1 e5 21. Txe5 Rg8 22. De6+ Bf7 23. Tg5+ Bg7 24. Dxf6 Dxf6 25. Bxf6 Bg6 26. Bxg7 Rxg7 27. Bxg6 hxg6 28. Txd5 Tac8 29. Re2 Tc2+ 30. Td2 Tc7 31. f3 Th5 32. Rf2 Rh6 33. h4 Ta5 34. a3 Tb5 35. g4 1:0

## ABREU - NAVARRO

Manágua 1977

Espanhola

1. e4 e5 2. Cf3 Cc6 3. Bb5 a6 4. Ba4 Cf6 5. 0-0 b5 6. Bb3 Bb7 7. Te1 Bc5 8. c3 0-0 9. d4 Bb6 10. Bg5 h6 11. Bh4 d6 12. a4 exd4 13. cxd4 Te8 14. Cc3 Ca5 15. Bc2 g5.



16. Cxg5 hxg5 17. Bxg5 b4 18. Te3 bxc3 19. bxc3 Rf8 20. Tf3 Bxe4 21. Bxe4 Txe4 22. Bxf6 Dc8 23. Th3 Re8 24. Th8+ Rd7 25. Txc8 Txc8 26. Df3 Tce8 27. Df5+ Rc6 28. h4 Cc4 29. h5 1:0

## J. BURKHARDT - H. HEEMSOOTH

Corr.

Espanhola

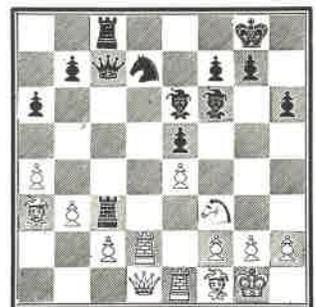
1. e4 e5 2. Cf3 Cc6 3. Bb5 a6 4. Ba4 d6 5. 0-0 Bd7 6. d4 Cf6 7. Bxc6 Bxc6 8. Te1 Be7 9. Cc3 exd4 10. Cxd4 Bd7 11. b3 0-0 12. Bb2 Te8 13. f4 Bf8 14. Dd3 g6 15. Tad1 Bg7 16. Cf3 Ch5 17. Bc1 c6 18. Ca4 d5 19. exd5 Bf5 20. Txe8+ Dxe8 21. Dd2 b5 22. Cb6 Tb8 23. Df2 Cf6 24. Ce5 Cg4 25. Cxg4 Bxg4 26. Te1 Dd8 27. h3 Bc3 28. hxg4 Bxe1 29. Dxe1 Dxb6+ 30. Be3 Te8 31. Rf2 Dd8 32. c4 cxd5 33. cxd5 Dxd5 34. Dc3 h5 35. gxh5 gxh5 36. Rg1 De4 37. Bd2 Td8 38. Dg3+ Dg6 0:1

## V. SMISLOV - V. TUKMAROV

Leninegrado 1977

Siciliana

1. e4 c5 2. Cf3 d6 3. d4 cxd4 4. Cxd4 Cf6 5. Cc3 a6 6. Be2 e5 7. Cf3 h6 8. 0-0 Be6 9. a4 Cc6 10. b3 Tc8 11. Bb2 Be7 12. Te1 0-0 13. Bf1 Dc7 14. Dd2 Cb4 15. Tac1 Tfd8 16. De2 Db6 17. Cb1 Tc7 18. Ba3 Ca2 19. Tcd1 Tdc8 20. Td2 Cd7 21. Dd1 Cc3 22. Cxc3 Txc3 23. Bxd6 Bf6 24. Ba3 Dc7

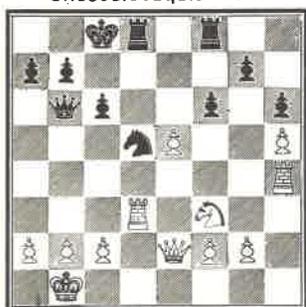


25. Bc4 Txc4 26. bxc4 Cc5 27. Db1 b6 28. h3 Dc6 29. Bb2 Cxa4 30. Bxe5 Be7 31. Da1 Bb4 32. Bxg7 Bxd2 33. Cxd2 Rh7 34. Te3 Tg8 35. Tg3 Bxc4 36. Dd4 b5 37. Cf3 Dc5 38. Df6 Db6 39. Df5+ Dg6 40. Txg6 fxg6 41. Df6 1:0

# PARA RESOLVER

## Combinações

22  
HADRAVA - MAICHRAK  
Checoslováquia 1977



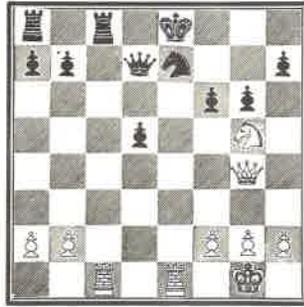
Jogam as pretas e ganham

23  
PALÁCIOS - COMMONS  
México 1977



Jogam as brancas e ganham

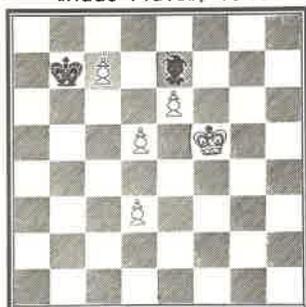
24  
STEINITZ-VON BARDELEBEN  
HASTINGS 1895



Jogam as brancas e ganham

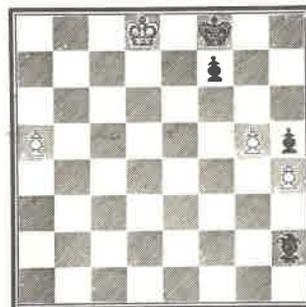
## Estudos e Finais

22 — L. PROKES  
«Rudé Právo», 1948



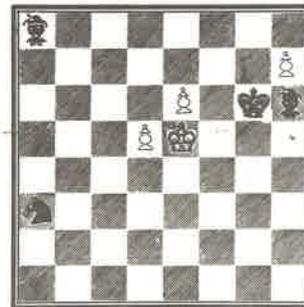
Brancas ganham

23 — W. D. ELLISON  
«Test Tube Chess», 1972



Brancas empatam

24 — S. M. LIBURKIN  
«Shakmaty», 1940

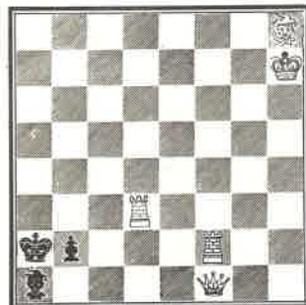


Brancas ganham

## Problemas

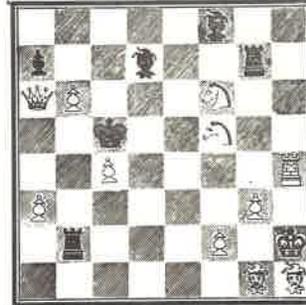
22 — V. PAPARELA

«L'Italia Scacchistin», 1948



2 ++

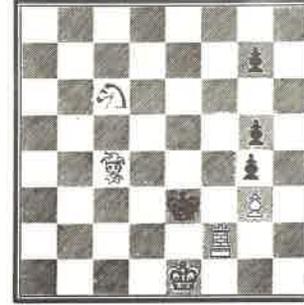
23 — M. BARULIN  
«Ukrain Schaak», 1931  
1.º Prémio



2 ++

24 — W. PAULY

«Deutsche Wochenschach»,  
1905



4 ++

### COMBINAÇÕES

19 (Taimanov-Gheorghiu, Leningrado 1977) 1... Cxg2! 2. Rxc2 Bb3+ 3. Rxh3 (se 3. Rg1 Df3 4. Be3 Df1+) Df3+ 4. Bg3 Bf6! 0:1. Se 5. Ca3 h5.

20 (Hedman-Romanichine, Cienfuegos 1977) 1... Bxb4! 2. axb6 cxb6 3. cxb4 Cxb4 4. Da4 Dxa4 5. Txa4 Cd3 6. Td1 Cgf4 0:1

21 (Krogus-Stein, URSS 1960) 1... Dxe2!! 2. Dxe2 (se 2. Cxe2 Bxd5+ 3. Rf1 — se 3. Rh2 Cf6 em vista de Th7+ — 3... f3) f3+ 3. Dxf3 Txf3 4. Thf1 Bxg4 5. Ce4 Bh3+ 6. Rh2 Txf1 7. Txf1 Bxf1 8. Cxc5 Tf2+ 9. Rg1 Txd2 10. Cxc7 Bh3 11. e4 Tg2+ 12. Rh1 Cf6 13. a5 Cg4 14. Ce4 Te2 0:1

### ESTUDOS FINAIS

19 (Halberstadt) 1. Rd7 Rd8 2. Re6 Re3 3. Rf5 g3 4. Rg4 Rf2 5. Rh3 h5 mate.

20 (Moravec) 1. Re2 Rd6 2. Rf3 Re5 3. Rg4 f6 4. Rh5 f5 5. d6 Rxd6 6. exf5 ganha.

21 (Mitrofanov) 1. Dc4 gxh3 2. Be4+ Rf4 3. Bb7+ Rg5 4. Dg4+ Rxc4 5. Bxc8 Rf3 6. Bxd7 e2 7. Bg4+ ganha.

### PROBLEMAS

19 (Camil Seneca) 1. Db7 ameaça 2. T. ∞ ++. A T dá 14 mates diferentes, o que constitui o «task» da «esquadria» da T.

20 (Salardini) 1. Ca5 ameaça 2. Cb7++. 1... Dxd5 2. Bf7++; 1... Txd5 2. Cxb4++; 1... Bxd5 2. Bh5++; 1... Cxd5 2. Dg3++; 1... Cbx5 2. Bxc7++. 5 autopregagens negras na casa d5.

21 (Shinkman) 1. d5 ameaça 2. Ta8 e Tg8++. 1... Dxd5 2. Ta8+; 1... Bxd5 2. Tg8+. Tema «Plachutta»: interceptação mútua de peças do mesmo movimento.

50.º ANIVERSÁRIO  
DA FEDERAÇÃO  
PORTUGUESA DE  
XADREZ

medalha  
comemorativa



ANVERSO



REVERSO

Tiragem 500 ex. NUMERADOS  
(BRONZE)

Módulo 70 mm

PREÇO 250\$00

(Porte não incluído)

Os pedidos poderão fazer-se para a Federação Portuguesa de Xadrez, Rua da Sociedade Farmacêutica, 56-2.º, Lisboa-1, devendo ser acompanhados da importância respectiva em cheque, vale do correio ou dinheiro, acrescida de 20\$00 para porte do correio.